EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

127 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893
no governo de Álvaro Machado

Ano CXXVII Número 169 | R$ 2,00 | João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 16 de agosto de 2020 | auniao.pb.gov.br | @uniaogovpb

PB é o 3º maior produtor de cana-de-açúcar do NE

Safra 2019/2020 já produziu quase 7 milhões de toneladas, sendo 80% destinados à fabricação de etanol. Página 3

Foto: Instagram/Mar Aberto

Parte da história da PB está no fundo do mar

Submersas no litoral do Estado, escunas, caravelas e brigues ingleses, portugueses e espanhois são testemunhas de trajetos econômicos interrompidos. Página 5

Foto: Marcus Antonius

Diversidade

Testemunha da história Cuidar bem do patrimônio histórico é preservar a memória e garantir que ele será repassado para novas gerações. Página 15

Entrevista

Foto: Najara Araujo/Câmara dos Deputados

Rodrigo Maia Presidente do Câmara defende que Forças Armadas não se misturam com o Executivo. Página 4

Paraíba

Redes sociais facilitam a venda de artesanato

Pandemia leva artesãos a divulgarem seus trabalhos em aplicativos como Instagram. Página 6

Cartórios de JP já realizaram 500 casamentos pela internet

Plataformas digitais se tornaram opção para noivos que não querem esperar a pandemia passar. Página 7

Paraíba GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Divulgação

Serraria Cavalgada da Fé é um dos atrativos da cidade do Brejo, repleta de engenhos e casarios. Página 8

Esportes

Ex-dirigente do Botafogo fala sobre situação atual do clube

Para Ariano Wanderley, desunião pode destruir tudo que foi construído e levar o time ao fracasso. Página 12

Cult

Foto: Marcus Antonius

Editora A União revela os projetos que estão por vir

Gerente Alexandre Macedo adianta os livros que serão lançados sobre Lourdes Ramalho e Wills Leal, entre outros. Página 9

Panaque

Foto: Arquivo A União

Dom José Maria Pires, o bispo da causa negra

Conheça o pensamento do religioso que se tornou símbolo da luta pelos direitos humanos. Página 17

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

O herói João Pedro

João Pedro Teixeira é um herói. Nascido em 1918, em Pilõezinhos - que na época era um distrito de Guarabira, João Pedro é um ícone em razão de sua liderança nas ligas camponesas de Sapé, na Paraíba. Símbolo de resistência à criminalização dos protestos populares no campo, que aconteceram no período pré-golpe de 64.

João Pedro Teixeira é um herói. Filho de Maria Francisca da Conceição e João Teixeira, teve desde muito cedo contato direto com a rotina do campo, e em sua vida adulta, optou por atuar como operário e defensor do trabalho rural.

João Pedro Teixeira é um herói. E mártir. Morreu por tiros nas costas aos 44 anos de idade, durante a volta de uma viagem à João Pessoa, em uma estrada entre o distrito de Café do Vento e a cidade de Sapé, no dia 2 de abril de 1962. Sua morte foi encomendada por latifundiários da região, e antecedeu a Ditadura Militar de 1964, aquela mesma que alguns desmemoriados dizem que nunca aconteceu.

João Pedro Teixeira é um herói, como conta uma de suas filhas, Maria José Teixeira: "Eu tinha cinco anos quando tudo aconteceu. A emboscada foi numa rodovia, entre Café do Vento e Sobrado. Perdi meu pai. Todos tivemos que fugir para não morrer também. Não lembro de tudo, mas algumas coisas vêm à memória. Eu e meus irmãos perdemos pai e mãe e tivemos que nos separar. Ele foi morto. Ela teve que se esconder no Rio Grande do Norte porque passou a ser perseguida ao se envolver na causa do homem do campo. O tempo passou, mas a revolta nunca acaba". Ela que Maria José fala é Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro, ainda viva para mostrar ao mundo a história do marido.

João Pedro Teixeira é um herói. E sua vida e luta foi tema do filme "Cabra Marcado para Morrer", de Eduardo Coutinho, produção que entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. O filme é uma narrativa semidocumental da vida de João Pedro. Em razão do golpe militar, as filmagens foram interrompidas em 1964. O engenho da Galileia foi cercado por forças policiais. Parte da equipe foi presa sob a alegação de "comunismo", e o restante dispersou-se. Mas o filme foi retomado 17 anos depois.

João Pedro Teixeira é um herói. Sempre foi. Para os trabalhadores rurais. Para o povo paraibano. E também para a historia oficial. O camponês foi inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, em Brasília, por decisão presidencial. Um reconhecimento oficial ao que já sabíamos.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Fantasminha nada camarada

Criei fama, por isso deito na cama e raramente presto atenção no criado mudo, quero dizer, no telefone mudo. Sim, meu telefone é programado para não tocar, posto que conectado ao dispositivo "silencioso". Como posso atender, se não há sinal sonoro? É ruim, hein! Tem sido assim desde o primeiro aparelho convencional. Ou melhor, a contar de episódio marcante em minha vida, conforme vocês verão mais adiante. A telefonia celular só fez juntar o fastio com a falta de vontade de comer. Essa é uma das razões pelas quais me tornei famoso como o sujeito que não atende ligações telefônicas nem que a vaca tussa - ainda que a tosse do bovídeo evolua para acesso tipo coqueluche. A única possibilidade seria perceber vibração a distância no portátil, já que também não aceito sinalização adequada para avisar sobre o treme-treme. Nem sempre, porém, o saracoteio é perceptível. Em suma: não contem comigo para atender de pronto qualquer chamada ou mesmo abrir de imediato mensagem por WhatsApp. É martelar em ferro frio. E pra que diabos eu possuo telefone?! Ora, pra me conectar com o mundo, só que do meu jeito de ser. Ou para o jeito como fui plugado - tenham calma, chego lá!

> "E pra que diabos eu possuo telefone?!"

Antes, cabe uma explicação para essa conversa comprida. Deve-se a alongada prosa à mais recente crônica do meu confrade e amigo Luiz Augusto de Paiva em que reclama da idiossincrasia acima descrita ("Quem é vivo sempre desaparece"). O texto do cronista das quartas-feiras neste jornal é, como de hábito, um primor de bem feito e bem-humorado, além de generoso para com o locutor que vos fala. Acontece que Paiva chora de barriga cheia. Vá o distinto perguntar a Ipojuca Pontes o que é água mole em pedra dura... sem que se consiga furar a resistência! Diz esse desafortunado ser mais fácil tirar leite de material rochoso. E assim padecem muitos outros companheiros que desafiam a maré: nadam, nadam, nadam e... nada! Morrem na praia, feito peixe fora d'água. Bem, mas e o referido episódio marcante em minha vida?

Deu-se quando Tarcísio Burity, eleito governador pela segunda vez, me escolheu secretário de Comunicação. Escolheu e indicou contra a minha vontade. A partir de então, para fugir do assédio comum em condições normais de temperatura e de pressão, passei a me esconder de Deus e do mundo. Desliguei todos os tubos e tomadas, passando a me refugiar em endereços como o de Agnaldo Almeida no Jardim Glória, meu bunker favorito. Pensem numa fase espinhosa! Sumi de tal forma que, certa vez, cansado de tentar falar comigo, mesmo que por telefone, o gerente comercial do jornal "O Globo" na sucursal do Recife, José Carlos Alencar, em visita de trabalho a João Pessoa, procurou o amigo em comum Josélio Gondim, proprietário da revista "A Carta". Desesperado, perguntou-lhe, estupefato: "Seja sincero comigo, parceiro: esse secretário Martinho Moreira Franco existe mesmo ou é um fantasma?" Despontava ali minha saga de Gasparzinho que a tantos camaradas desaponta.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Jumentos da Catarina

Agora cavalo vai dar preço. O soro de seu sangue é matéria prima para a produção do antídoto para o apocalípto corona vírus Covid-19, que ainda ameaça a humanidade. Parece até uma das pragas do Egito, de que fala a Bíblia. Mas até que enfim Jeová apiedou-se dos pecadores e iluminou a mente dos cientistas, permitindo que as equipes de estudiosos encontrassem uma solução para o problema.

Pena que algumas pessoas partícipes da luta contra a praga não vejam a solução vitoriosa, pois baquedaram a meio do caminho. O Brasil teve a sorte de descobrir um remédio mais barato de que as vacinas anunciadas e 50 (cinqüenta) vezes (!) mais barato de que as drogas similares. Parece até a propaganda que o locutor Pascoal Carrilho fez da loja O Novo Continente, com a rádio no ar: "todo o estoque com 50% (cinqüenta por cento) de abatimento!" Que abatimento!

> "Toda a equipe da Fiocruz está de parabém (sic), pela descoberta do remédio."

Toda a equipe da Fiocruz está de parabém (sic), pela descoberta do remédio. Deus está de parabém. Os cientistas russos estão de parabém. Mas a equipe brasileira está mais, porque sua droga é melhor: 80 ou 50 ou cinqüenta (oitenta ou cinqüenta) vezes mais poderosa de que o remédio russo!!! Houve um tempo em que criei cavalos; tive um lote de 19 (dezenove) éguas, mais um jumento pai d'égua. Se ainda eu tivesse aqueles animais, iria doá-los à Fiocruz para a produção do remédio. Os pesquisadores da Fiocruz não estão chamando o achado deles de vacina, pois dizem que a droga não previne a doença, antes a cura. É para ser ministrada aos azarados já contaminados.

E o jumento, será que se presta à produção da mesinha redentora? Deve se prestar, pois é quase o mesmo animal. A diferença está na contagem cromossômica, onde um tem 62 cromossomos e o outro 64. Assim, os muares terão a mesma capacidade doadora: tanto os burros quanto os cavalos podem doar até 8 (oito) litros de plasma, um pelo outro. Será o caso dos laboratórios envolvidos com a produção do xarope de eqüinos construírem grandes haras para a criação desses animais (conheço uma paraibana bonita que gerencia um grande haras num país árabe).

Eu sempre tive o desejo de ter um haras. Posso até ter tido e não ter notado; 21 animais não formam um haras? Eu tive 19 matrizes, o pai d'égua e meu cavalo de cela, que, precipitadamente, foi capado. Era um animal pequeno, chibarro, e de muita força. Ele atolou-se comigo na areia do riacho Gravatá e saiu, sem que tivesse tempo de sair da cela. O mesmo ocorreu com meu vaqueiro Otacílio, um excelente cavaleiro, amansador de brabos.

Dessa vez, Jeová foi generoso com Brasil. Deu-nos a cura da Corona com um remédio abundante e barato, sem efeitos colaterais. Sei onde encontrar jumentos para encher caminhões: no Raso da Catarina, Bahia, sem dono, a preço de 0800. Lá, essas criaturas de Deus são gratuitas.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R$200,00 / Semestral ..... R$100,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direçao e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Produção de cana-de-açúcar da PB é a 3ª maior do Nordeste

Estado produziu na safra 2019/20 o total de 6,69 milhões de toneladas, o que representa 14,7% da safra da região

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A Paraíba é o 3º Estado do Nordeste que mais produziu cana-de-açúcar durante a última safra (2019/2020), representando 14,7% da produção total, com 6.699.347 milhões de toneladas. Ficando atrás apenas de Alagoas e Pernambuco. A sua produção de etanol, obteve um percentual de 23,4% em relação a produção da região, com quase 442 milhões de litros, enquanto a de açúcar representou 5,1%, com 138.28 toneladas.

Em relação a produção de todo o país, a Paraíba representa 1% do total. O maior produtor é o Estado de São Paulo. De acordo com o presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação do Álcool do Estado da Paraíba, Edmundo Coelho Barbosa, os estados do Nordeste tem desvantagens na produção de cana-de-açúcar no Brasil, devido às condições climáticas e do solo.

Ele explicou que os custos para esse tipo de produção são mais altos em estados como a Paraíba, por exemplo, o que dificulta a produção. "Os nossos custos de produção na região nordeste são muito mais altos do que os custos da região centro-sul. A nossa desvantagem é do ponto de vista do risco climático e a deficiência do próprio solo. Principalmente aqui na Paraíba, nós temos um solo que tem muita areia e pouca argila, que tem a capacidade de absorver água, enquanto a areia faz com que a água penetre e vá embora. Aqui, nas nossas áreas de cana, chega a ter situações em que só 3% de argila no solo, o que é muito pouco e traz dificuldades da cana se desenvolver em decorrência da falta de água. Os ventos fortes acentuam essa perda", explicou.

Por outro lado, os investimentos em sistemas de irrigação e a luminosidade solar trazem vantagens para a Paraíba. "Nós temos um período luminoso mais amplo que em outras regiões. É aqui onde o sol nasce primeiro e se prolonga. Temos em torno de 12 horas de sol permanente. O que é muito bom porque a cana-de-açúcar é captadora de energia solar. Além disso, também temos investido muito em tecnologia, com no nosso sistema de irrigação. Mas ainda contamos com um problema em relação ao solo, ao clima, chuvas irregulares, isso faz com que a produção aqui tenha custos bem mais elevados", comentou.

A previsão para a nova safra é de que a Paraíba produza mais do que a anterior. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), publicados em maio deste ano, o cenário atual da região Nordeste aponta para um aumento de 2%. Para o Estado da Paraíba, a previsão é de um aumento na área de produção para cerca de 126 mil hectares. Com condições climáticas consideradas favoráveis ao desenvolvimento da cana-de-açúcar: "podendo assim impactar em um incremento de rendimento médio e de produção. A destinação do vegetal deve ser predominantemente para a fabricação de etanol, mas os percentuais de direcionamento podem variar ao longo da safra em razão das indefinições de mercado e das oscilações nos preços de comercialização do etanol e do açúcar", diz análise.

Foto: Pixabay

Cerca de 80% da safra da cana-de-açúcar da Paraíba é destinada à produção de etanol, sendo 20% restantes para a fabricação de açúcar

+ Etanol garante geração de emprego e renda

Cerca de 80% da colheita de cana-de-açúcar na Paraíba é destinada para a produção de etanol e 20% para a de açúcar. Atualmente, no Estado, há 26 municípios que produzem cana-de-açúcar. São oito usinas e cerca de 1,5 mil engenhos. O setor sucroenergético do Estado da Paraíba é responsável por aproximadamente 21.800 mil empregos diretos; no período de safra, esse número se faz ainda maior, por ser uma atividade de períodos sazonais, chegando até 44 mil empregos indiretos.

Levando em consideração que em alguns pequenos municípios a renda municipal gerada é exclusivamente advinda de pagamento de salários do setor e de cargos públicos, o setor é de enorme importância para a geração de empregos nesses municípios. Além disso, o etanol tem grande influência sobre a arrecadação de impostos estaduais. Com participação de cerca de 6% na contribuição do ICMS.

O presidente do Sindalcool comentou que os paraibanos têm cada vez mais optado pelo consumo de álcool. No entanto, esse percentual diminuiu nos últimos meses. Segundo informações da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o consumo total de Etanol Hidratado, o mesmo utilizado nos postos de combustíveis, foi de pouco mais de 67 milhões de litros, no primeiro semestre de 2020, na Paraíba. Representando uma redução de 28,11% em relação com o mesmo período do ano passado.

O consumo deste tipo de combustível na Paraíba apresentou queda em todos os meses de 2020, com exceção de janeiro que teve um crescimento de 0,62%, em relação ao mesmo período do ano anterior. De acordo com o Sindalcool-PB, a drástica queda é em decorrência da diminuição do consumo durante o período de pandemia da covid-19 e da queda no preço da gasolina. O sindicato acredita que a falta de conhecimento sobre os benefícios do etanol também contribui para que as pessoas prefiram a gasolina, que apresentou uma menor redução, de 11% no consumo durante o primeiro semestre, na Paraíba.

Nova gasolina

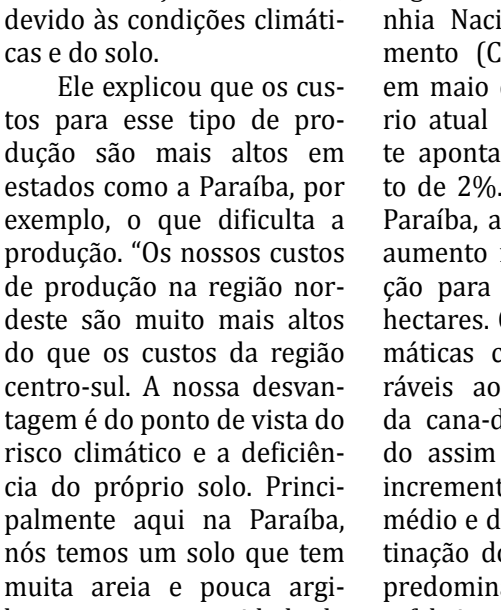
A nova especificação da gasolina, que passou a valer no Brasil no início do mês e promete trazer uma melhor qualidade ao produto, não terá mudanças quando o assunto é o percentual de etanol utilizado para a sua produção. O presidente do Sindalcool explicou que a gasolina continuará utilizando 27% de etanol em seu comporto. "O etanol continuará a ser utilizado na gasolina. Primeiro para melhorar a combustão internamente nos motores e para reduzir a combustão nocivas da própria gasolina. Com o fato do Brasil ter essa disponibilidade de etanol, permite que ela seja aproveitada. A gasolina é um composto, uma mistura de vários compostos, o etanol vai continuar nesse composto".

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

ENTRE A CRUZ E A ESPADA: PARTIDOS EXIGEM FIDELIDADE A VEREADORES DA BASE DE CARTAXO

Foto: Divulgação



O caso envolvendo o vereador de João Pessoa, Chico do Sindicato (Avante), que declarou apoio à pré-candidatura de Edilma Freire (PV), em posição contrária à da legenda ao qual é filiado, parece ser um indicador de que na eleição que se avizinha, sobretudo na capital, ocorrerão casos similares. Ocorre que o vereador é da base do prefeito Luciano Cartaxo, fato este que nunca se apresentou como empecilho para que ele tivesse uma convivência pacífica com a cúpula do partido. Existe até tolerância das legendas no que tange a vereadores estarem integrados à base do prefeito, mesmo que a sigla tenha também pré-candidato a prefeito – estão nessa condição, por exemplo, Luiz Flávio (PSDB), que jurou voto em Ruy Carneiro (PSDB), e Thiago Lucena (PRTB), que garante votar em Eduardo Carneiro. Agora, declarar voto em pré-candidato de legenda alheia, sem combinar com o partido, caracteriza infidelidade partidária, que pode provocar perda de mandato se o vereador conseguir êxito nas urnas. Aliás, o presidente municipal do Avante, Felipe Leitão (foto), já alertou sobre isso, ao falar da postura adotada por Chico do Sindicato. Também vivem esse dilema de integrar a base e não poder declarar voto a Edilma Freire os vereadores do PP, cuja legenda tem como pré-candidato Cícero Lucena – João Corujinha, Elisa Virgínia, Helena Holanda, Mangueira e Damásio Franca. Em ano eleitoral, a conversa é outra.

"AINDA VAMOS AVALIAR"

Felipe Leitão explicou a postura do Avante em relação ao vereador Chico do Sindicato: "Ficará difícil este tipo de declaração [apoiar Edilma Freire]. Caso ele se reeleja, o suplente poderá pedir sua cassação por infidelidade. E nem estou falando em dar ou não legenda a ele [para se candidatar], isso ainda vamos avaliar".

"EU TENHO DIFICULDADES"

Thigo Lucena (PRTB) admitiu a jornalistas estar numa situação desconfortável desde que o seu partido rompeu com Luciano Cartaxo. Ele decidiu continuar na base do prefeito e isso não gerou nenhum problema com a legenda. Agora, porém, precisará decidir: apoiará Eduardo Carneiro ou Edilma Freire (PV)? "Eu tenho dificuldades", afirmou.

QUANDO FOR POSSÍVEL

Raniery Paulino foi indagado se a aliança entre o MDB e o Cidadania em Guarabira poderá se reproduzir em outros municípios: "Sim, há municípios que isso será possível, há outros que não. Temos que respeitar os agentes políticos locais", disse, informando que em Tacima a dobradinha também ocorrerá. "Estive lá, tratando disso", disse.

UM ACORDO DE BASTIDOR?

Após o anúncio, pelo prefeito Romero Rodrigues (PSD), de que Bruno Cunha Lima será o candidato do grupo a prefeito de Campina Grande, surgiram especulações sobre um acordo de bastidor: a Tovar Correia Lima (PSDB), o preterido, seria dada a condição de ser candidato a deputado federal, em 2022, em lugar de Pedro Cunha Lima, que seria candidato a governador.

UM DESEJO CONFESSADO

E Cícero Lucena (PP) não esconde o desejo de celebrar aliança com o Cidadania em João Pessoa, de modo que o partido do governador João Azevêdo indique o candidato a vice-prefeito em sua chapa. De acordo com ele, não haveria nenhuma restrição aos nomes postos pelo Cidadania: poderia ser Bruno Farias ou Léo Bezerra.

TEMOS QUE TAXAR O LUCRO, NÃO A PRODUÇÃO, DEFENDE EFRAIM FILHO

"Temos que taxar o lucro não a produção, por que da forma como está, joga a competitividade nacional para baixo", defende o deputado Efraim Filho (DEM), ao tratar da reforma tributária que está em tramitação na Câmara dos Deputados – o relator é o também paraibano Aguinaldo Ribeiro (PP). Para ele, é preciso reduzir a carga tributária das pequenas empresas.

Foto: Divulgação

Rodrigo Maia

Presidente da Câmara dos Deputados

"Que fique claro: há um muro entre Estado e governo"

Em entrevista, chefe do Legislativo defende que as Forças Armadas não se misturem com ocupantes do Executivo federal

Andreza Matais, Jussara Soares e Murilo Rodrigues Alves
Da Agência Estado

A seis meses de deixar a presidência da Câmara, o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) defende a discussão no país de um limite à atuação de militares da ativa na estrutura do próximo governo. Sem apontar diretamente para os generais nos cargos da atual gestão do presidente Jair Bolsonaro, ele ressalta a necessidade de respeitar o "muro" entre o Estado, a quem as Forças Armadas estão vinculadas, e o governo, formado especialmente por agentes públicos eleitos.

Em home office, na residência oficial, ele criticou o enfrentamento da pandemia pelo governo, mas isentou o ministro interino da Saúde, Eduardo Pazuello, de toda a responsabilidade pelas mais de 100 mil mortes.

Na conversa, interrompida algumas vezes para olhar os desenhos do filho Rodrigo, de 4 anos, revelou que vai ajudar na construção de uma candidatura que se apresente como alternativa à polarização PT x Bolsonaro. À equipe econômica, mandou um recado: vai barrar qualquer tentativa de burlar o teto de gastos, que proíbe as despesas de crescer em ritmo superior à inflação.

A entrevista

O sr. acredita que a crise entre os três Poderes esteja de fato superada ou ainda é preciso acompanhar com mais atenção?

■ Pelo menos nas últimas semanas, há um ambiente de mais respeito e menos estressamento na relação entre Poderes. Espero que continue assim. É bom para o Brasil que a gente continue com as instituições democráticas funcionando. Foi uma coisa que cobramos naquele período de manifestações com faixas contra o Parlamento, pedindo o AI-5.

Neste momento, não está na hora de discutir a volta dos militares para a caserna e a saída deles desse ambiente político?

■ É importante separar o Estado e o governo. As Forças Armadas estão no Estado. Os gestores públicos, os ministros, o presidente estão no governo. É importante que fique claro que há um muro. Não é algo contra os militares que estão no governo Bolsonaro, mas esse debate vai acontecer, no mínimo, para o próximo governo, para que fique clara essa separação. Quem vem para cá (governo) vai precisar não ter vínculo com o Estado. Quando um militar da ativa entra no governo ele traz parte do Estado e, muitas vezes, pode misturar as coisas, e é importante que a gente consiga organizar isso.

> "É importante separar o Estado e o governo. As Forças Armadas estão no Estado. Os gestores públicos, os ministros, o presidente estão no governo. É importante que fique claro que há um muro"

De certa forma, o papel dado a alguns militares não se mostrou tão eficiente. Na Saúde, na articulação política...

■ Eu não acho que o Pazuello tenha sido a melhor escolha, mas não podemos culpá-lo também pelas 100 mil mortes. É claro que há falta de articulação com os governadores e conflitos por causa de posicionamentos equivocados. Isso pode ter prejudicado, certamente, mas transferir 100% dessa responsabilidade para o ministro está errado. O problema é ter um vírus que vai tirar vidas de brasileiros e que vai derrubar a economia. E a economia vai cair porque na hora em que começa a morrer gente próxima, a pessoa deixa de consumir, deixa de ir à rua, querendo o governo ou não.

O presidente Jair Bolsonaro tem usado o auxílio emergencial e até mesmo o Renda Brasil, ainda em estudo, para se aproximar do eleitorado do Nordeste. O Parlamento vai dar esse capital político ao presidente?

■ O governo tinha uma proposta tímida para o auxílio emergencial. O Parlamento alterou e o presidente respaldou a decisão de um valor maior. O governo foi beneficiado. Nós vamos ficar brigando pela paternidade com 50 milhões, 60 milhões de famílias sem nenhuma renda? Não dá para ficar nesse jogo político. Cada deputado trabalhou a paternidade do auxílio emergencial, o governo também, mas é claro que os instrumentos do governo são mais fortes que os da Câmara. O Parlamento não tem estrutura de agência de publicidade.

> "O governo tinha uma proposta tímida para o auxílio emergencial. O Parlamento alterou e o presidente respaldou a decisão de um valor maior. O governo foi beneficiado"

Bolsonaro está viajando pelo Brasil em ritmo de campanha eleitoral. O sr. sente uma ansiedade de alguns setores para achar um nome que faça o contraponto ao presidente em 2022?

■ Não é hora de se preocupar com nome. Se anteciparmos o processo eleitoral, aí sim nós vamos interditar o debate, como gosta de falar o Paulo Guedes (ministro da Economia). Infelizmente, o debate da reforma administrativa está interditado desde o ano passado. O da tributária está andando, nós estamos estimulando, diferentemente do que o Paulo Guedes diz. O que nós não queremos é criação de novos impostos e onerar a sociedade.

O sr. ainda tem seis meses na presidência da Câmara. Quais as prioridades nesta reta final e o que o sr. ainda tem tempo para entregar?

■ A reforma administrativa eu preciso do governo, mas a tributária eu estou confiante que nós vamos entregar.

O sr. disse que, mesmo que haja a possibilidade, não disputará a reeleição. O que o senhor fará após deixar a presidência?

■ Não é minha intenção (concorrer à reeleição).

O sr. acredita que o presidente Jair Bolsonaro não vai interferir nesse processo?

■ É difícil não interferir.

O sr. tem defendido a construção de uma união de centro para as eleições de 2022. Fora da Câmara, o sr. pode ser essa pessoa a construir esse grupo?

■ Tenho condições e vou querer ajudar a construir um projeto para 2022. Sem desrespeitar o projeto dos outros, mas temos que construir um ambiente que saia dos extremos e procure defender o que é o certo e o melhor para a sociedade brasileira.

A polarização PT x Bolsonaro vai se repetir em 2022?

■ Se não surgir um candidato que tenha uma agenda reformista na economia e menos radical na questão dos valores, pode se repetir. A sociedade é conservadora, mas o radicalismo de um lado ou de outro vem gerando essa polarização.

> "Se não surgir um candidato que tenha uma agenda reformista na economia e menos radical na questão dos valores, pode se repetir (a polarização PT x Bolsonaro)"

O governo quer atrelar e prorrogar o auxílio emergencial com o Renda Brasil. O senhor concorda?

■ Eu não posso discutir o que não conheço. O que é o Renda Brasil? Óbvio que será necessário construir alguma solução para saída do auxílio emergencial. É óbvio que o Estado brasileiro não tem condições de suportar a manutenção dos R$ 600 (de auxílio emergencial). Neste momento de crise não podemos fazer política dessa questão. Eu só acho que temos que tomar cuidado para não ampliar ainda mais as despesas públicas para solucionar uma questão urgente e que precisa ser solucionada, mas criar outros problemas para a sociedade.

Há uma preocupação de dribles que o governo tentou fazer para furar o teto de gastos...

■ O governo não pode querer usar o Parlamento como instrumento dessas soluções heterodoxas. Não dá para usar um projeto, uma PEC, pelo menos na Câmara, para burlar o teto de gastos. Se o governo tiver essa intenção, eu discordo e vou trabalhar contra

O sr. concorda que esses dribles podem ser considerados a pedalada de Bolsonaro?

■ Este ano o governo está protegido pela PEC do orçamento de guerra, mas se o governo editar um crédito extraordinário e depois transformar em restos a pagar (para ampliar o espaço para gastar em 2021), aí pode ser uma pedalada.

O ministro Guedes disse que quem compara o imposto que ele pretende criar à CPMF ou é por maldade ou é ignorância...

■ Enquanto ele não apresentar proposta, é um direito legítimo de todo mundo achar que tem cara de CPMF, está tudo parecendo uma CPMF e com as isenções vai virar um adicional de imposto que a sociedade vai pagar. Não é tão simples criar uma receita com imposto cumulativo e não gerar danos na economia brasileira.

> "Pagamos muito imposto e a produtividade do setor público não existe. A média do salário dos servidores públicos é o dobro do setor privado, isso é uma distorção"

A equipe econômica diz que o novo imposto abre espaço para desonerar a folha das empresas. O sr. vê outra solução?

■ Temos que procurar a receita no Orçamento existente senão vamos levar o Brasil a ter a maior carga tributária do mundo. Por isso que a reforma administrativa é tão importante. Não porque ela vai reduzir despesas a curto prazo, mas porque melhora a qualidade do serviço público.

O sr. vê espaço para as duas reformas, a tributária e administrativa?

■ Pagamos muito imposto e a produtividade do setor público não existe. A média do salário dos servidores públicos é o dobro do setor privado, isso é uma distorção. Precisa ter a união do Poder Executivo com o Legislativo para mostrar que estamos tratando da reforma do ponto de vista de estrutura das carreiras para os próximos servidores. E estamos tratando dos atuais na eficiência do serviço público. Se for o caso, os líderes que defendem essa tese poderiam fazer um apelo ao presidente.

O sr. acha que seria o momento ideal de discutir as duas?

■ Não tem outro caminho. Se o investidor não olhar as grandes reformas, além do Meio Ambiente, o Brasil nunca vai ser prioridade. Não podemos esquecer que o Brasil precisa muito dos investidores externos para poder ter um ciclo de investimento sustentável. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

A singela Serraria

Rica em belezas naturais, o município de Serraria preserva muito de sua história e cultura, mantendo seus antigos engenhos e casarios de época. Página 8

Foto: Divulgação

Costa paraibana esconde parte da riqueza histórica do Estado

Barcos que afundaram desde o século 16 são patrimônio de biodiversidade protegido nas profundezas do mar

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Foto: Divulgação/Mar Aberto

Relíquias, antigas embarcações servem de refúgio e abrigam várias espécies que habitam as águas de Intermares

Parte da história da terceira cidade mais antiga do Brasil é anterior aos seus 435 anos de fundação – e se encontra no fundo do mar. Cerca de quarenta escunas, caravelas e brigues, maioria de origem inglesa, portuguesa e espanhola, testemunham trajetos econômicos interrompidos por acidentes que ocorreram às margens do Litoral paraibano. Hoje, toda essa relíquia que veio a pique serve de abrigo para rica fauna e flora marinhas – e podem ser apreciadas de perto por adeptos do mergulho recreativo ou científico.

Ismar Just é instrutor de mergulho há 35 anos e dono da empresa Mar Aberto Mergulho, pioneira local no segmento. Ele diz que os 16 pontos mais procurados (entre naufrágios e formações de coral) ficam em Tambaú e Penha (em João Pessoa) e Intermares e Camboinha (em Cabedelo). "A pandemia afetou as operações de março a maio. Já nos meses de inverno, nem tanto, pois é costume esta movimentação diminuir. A partir de outubro, retomaremos com novos protocolos de higienização e redução de mergulhadores", prevê.

A embarcação dele tem capacidade para conduzir até 25 mergulhadores. Cada operação envolve a visita a dois pontos, que sai em torno de R$ 450. A escolha dos locais depende das condições do tempo e mar, velocidade dos ventos, visibilidade da água e até do calendário – os cobiçados naufrágios em Gramame e Jacumã (Litoral Sul) e Lucena (Litoral Norte) têm pouca visitação na maior parte do ano por estarem próximos a desembocaduras de rios, o que aumenta a turbidez da água (a escuna portuguesa Jessé, por exemplo, jaz em Jacumã desde 1574).

Os divers (mergulhadores) saem às 8h e retornam às 14h, colecionando fotos e memórias incríveis. Há mais de 20 anos, o professor de Educação Física Marcos Antônio Medeiros, o Kaká, 61, pratica o mergulho pelo menos uma vez ao ano, quando viaja da sua Patos natal para a capital.

"O festival de cores da natureza, o silêncio total que nos invade, a sensação de virar peixe por alguns momentos e ser transposto para um aquário infinito é indescritível", compara. Kaká conhece todas as rotas do esporte de aventura entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte, mas nutre especial afeição pelo turismo em Alvarenga, Alice e Alcântara – "Não propriamente os barcos em si, mas a natureza que os rodeia". Já planeja o próximo passeio. Medo de tubarão? "Não. O grande animal somos nós, humanos. No mar estamos integrados num só contexto"

Cerca de 40 escunas, caravelas e brigues testemunham trajetos econômicos interrompidos por acidentes

Tesouros a 18 metros de profundidade

A nove quilômetros da ponta do Bessa e a uma profundidade entre 12 e 18 metros, descansa o gigante americano Ship Erie J.N.Y. (1873), com 105 metros de comprimento, que viajava do Rio de Janeiro a Nova York transportando café, quando sofreu um incêndio provocado por um curto-circuito (por isso é conhecido como "Queimado"). Parte da estrutura está soterrada. "Esta é uma embarcação com características únicas em todo o mundo, por ter caldeiras retangulares e ter atravessado uma fase de transição da tecnologia que revestia os cascos. Todos os viajantes foram salvos por pescadores da colônia de Tambaú", relata Just. Ao seu redor, grandes cardumes de peixes ósseos convivem com arraias, polvos, lagostas, moreias, tartarugas marinhas e tubarões-lixa.

Mais próximo da costa (a 5,5 km de distância da ponta do Bessa), o Alice, de 840 toneladas e 53 metros de comprimento, embicou em 1899. Segundo registros não confirmados, o vapor participou da Guerra do Paraguai (1864-1870). Durante os mergulhos, as onipresentes arraias, tubarões-lixa e peixes de recife circulam perto de tartarugas e, eventualmente, o mero.

Distante 11 km da ponta do Bessa e em frente à Areia Vermelha eis o Alvarenga. "Não se trata do nome, mas de um tipo de embarcação", esclarece Just. Neste caso, virou nome próprio. A alvarenga é uma espécie de canoa grande destinada a transportar cargas dos navios para o porto. Em razão do porte tímido para a navegação rebocada, não resistia ao mar muito revolto. "Três canoas dessas desapareceram, mas só encontramos duas", aponta.

Turismo ecológico em área protegida

Fotos: Max Glegiston

Megulho próximo ao naufrágio Vapor Bahia e, no detalhe, o naufrágio Queimado, em Tambaú

A Área de Proteção Ambiental (APA) Naufrágio Queimado é um polígono que se estende da cidade de Cabedelo à Praia do Seixas, para ajudar a manter protegidos recifes, peixes, crustáceos e corais, além do patrimônio histórico e cultural da região. O projeto executado em 2017 e 2018, foi financiado pela Fundação Grupo Boticário e entregue ao Governo do Estado.

A ideia, que partiu de professores, alunos da UFPB e da Mar Aberto, intenta suprir a lacuna de preservação do território, que tinha apenas 0,5% de parcela resguardada (muito aquém dos 10% aceitos pelos padrões internacionais). "Queremos disciplinar o turismo ecológico, a pesca e assegurar o uso responsável dos recursos naturais de maneira a garantir a sustentabilidade socioambiental das atividades econômicas desenvolvidas", falou um dos autores do estudo técnico, o biólogo e oceanólogo Ricardo de Souza Rosa. A APA Naufrágio Queimado está sob responsabilidade da Sudema, com articulação de órgãos federais, estaduais e municipais.

Redes sociais facilitam venda de produtos artesanais na PB

Pandemia de covid-19 incentiva artesãos a aderirem ao Facebook e Instagram para divulgarem suas produções

Beatriz de Alcântara
Especial para **A União**

A pandemia do novo coronavírus trouxe muitas mudanças para os negócios, principalmente aqueles que lidam com público e vendas. No caso do artesanato, essa adaptação não foi diferente e muitos artesãos paraibanos fizeram da internet sua principal aliada. As vias digitais têm sido para muitos empreendedores um canal eficaz de vendas e relacionamento com os clientes.

Janaína Alves dos Santos tem 32 anos e reside em Serra Rajada, no município de Riachão do Bacamarte. Costurando há 12 anos, ela é uma das artesãs que fazem parte do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), gerido por Marielza Rodriguez. Por causa da covid-19 e todas as mudanças que as medidas de segurança e o isolamento social trouxeram, a artesã precisou adaptar seu negócio para as redes sociais. "Hoje tenho uma conta no instagram para as minhas costuras e passei a ter contato direto e permanente com os clientes por meio da internet", disse ela. A conta no Instagram é @desfiarlabirinto.

A empreendedora também passou a produzir máscaras, item essencial diante do novo coronavírus. E foi mais além, ela aplicou nas máscaras detalhes em renda labirinto. O trabalho com esse tipo de renda surgiu com a pandemia, trazendo inovação nos detalhes de suas costuras. Com a internet, a artesã conseguiu divulgar seus trabalhos e continuar suas vendas mesmo sem os encontros presenciais com os clientes. O incremento das redes sociais ao seu trabalho deu tão certo que Janaína pretende manter as divulgações e vendas online mesmo depois que tudo isso passar.

> "Hoje tenho uma conta no Instagram para divulgar as minhas costuras e passei a ter contato direto e permanente com os clientes por meio da internet"

Para outros artesãos locais, a internet já era uma aliada forte e, inclusive, a única forma de venda. Entretanto, com a pandemia, esse canal foi reforçado – por se tornar a única possibilidade diante do isolamento social.

Thais Dantas tem 25 anos, mora em Campina Grande, estuda Engenharia de Alimentos e trabalha com tecelagem em macramê há dois anos. Inicialmente, a jovem fazia vendas apenas para pessoas próximas e conhecidas, mas a partir do incentivo da família e dos amigos, ela se rendeu às redes sociais e passou a compartilhar suas criações online. "Hoje, dois anos depois, os motivos iniciais ainda fazem sentido e é o que motiva a continuar trabalhando com artesanato", afirmou Thais.

Fotos: Arquivo pessoal

A estudante Thais Dantas, de Campina, trabalha com tecelagem em macramê

A designer Katiúcia de Sousa aproveita para divulgar seus acessórios

A pandemia mudou a rotina da estudante, que passou a ter mais tempo para ter o contato virtual e mostrar mais do processo de criação. Além disso, também foi uma oportunidade de colocar em prática ideias que estavam só no papel devido à falta de tempo. "Também me ajudou a olhar diferente para o meu negócio e, como todo mundo, me reinventar, seja procurando entender mais sobre empreender, cuidar das finanças ou melhoria da comunicação", pontuou ela. A conta do Instagram de Thais é o @atelienodala.

A designer Katiúcia de Sousa possui a marca autoral "Kati Tomati" de acessórios femininos há seis anos. Ela sempre usou a internet como ferramenta de venda para suas produções, seja pelo Instagram, Facebook ou via WhatsApp. Diante do novo cenário, ela aproveitou para intensificar a comunicação com seus clientes através das redes sociais e "também aproveitei os canais de comunicação para falar sobre a pandemia, para ressaltar a valorização de se comprar de pequenos negócios, para que possamos sobreviver a essa crise que estamos passando", comentou ela.

Outra mudança positiva vinda com a pandemia foi a adaptação de feiras colaborativas para o formato virtual. Kati conta que participou de algumas dessas feiras, a exemplo da Feira Massa. "Isso ajuda bastante para que as vendas continuem acontecendo, visto que as feiras presenciais não estão sendo feitas", ressaltou a empreendedora. As peças de Kati estão no @kati.tomati.

Inovação é caminho para fugir da crise

Para apoiar os artesãos que fazem parte do programa, o PAP inovou e se uniu à Companhia de Processamento de Dados do Estado da Paraíba (Codata) para desenvolver uma plataforma que divulgue os trabalhos dos artistas locais. "Em pouco tempo estaremos lançando uma plataforma com os dados dos artesãos, fotos, WhatsApp... Como não podemos fazer marketplace e venda online, nós vamos divulgar o nome do artesão e o trabalho que ele faz, com o número de contato e as redes sociais dele, para o cliente entrar em contato direto e organizar a logística de entrega e pagamento", explicou Marielza Rodriguez, gestora do PAP.

Segundo o diretor-presidente da Codata, Angelo Giuseppe Guido, o projeto será dividido em duas plataformas: "a primeira corresponde ao portal com Informações Institucionais (Equipe, Parceiros, Dados do Artesanato Paraibano), Áreas de Atuação (Curadoria Secult, Eventos, Capacitação, Operacional, Projetos), Equipamentos (Museu Casa do Artista Popular, Mercado de Artesanato Paraibano, Centro de Artesanato Tambaú, Casa do Artesão), além de outras informações como Salões de Artesanato, Notícias, Histórico e Contatos".

Foto: Ortilo Antonio

Marielza Rodrigues, do PAP: plataforma com os trabalhos, contatos e dados dos artesãos da PB

Plataforma

Na segunda plataforma irá constar um sistema de cadastro para os artesãos, com a criação de perfis, álbuns com as artes, informações de contato, banners rotativos com imagens dos artesanatos e mapas interativos com detalhes sobre cada região. "O usuário poderá navegar através das imagens, dos perfis dos artesãos, assim como através do mapa contendo as principais tipologias das regiões da Paraíba", enfatizou Guido.

Lives: nova vitrine para exibir talento

Também como forma de incentivo, o Programa do Artesanato Paraibano tem feito no Instagram e no Facebook, lives semanais com informações e orientações para os artesãos, com material solicitado por eles mesmos. "Nós estamos trazendo casos de sucesso de artesãos empreendedores que deram certo para dar essas receitas de sucesso e trouxemos vários artesãos para falar nas lives, de gente que se reinventou e aproveitou a pandemia, inclusive, vendendo mais do que vende antes", destacou Rodriguez. Outra iniciativa nas redes do PAP é o sorteio semanal em que um artesão pode doar uma peça para ser sorteada, o que atrai a clientela.

Nesse contexto, as feiras também seguem o fluxo. A primeira edição da Feira Massa online aconteceu em maio, com 20 expositores, durante três dias. Depois disso, o mês de julho contemplou a segunda edição virtual, com mais expositores e mais dias de compras. Além disso, a oitava edição da feira – e a segunda online – alcançou produções de João Pessoa e também de Campina Grande. Nos dias de 9 a 13 de setembro acontecerá a terceira edição desse novo formato, sendo a nona da feira.

> Programa do Artesanato Paraibano tem feito várias atividades, colocando os artesãos em dia com as novidades tecnológicas

Projetos como esse possibilitam que pequenos negócios sejam valorizados, "principalmente os negócios que são feitos por mulheres mães. Com o fechamento das escolas, muitas mães estão com mais dificuldade para trabalhar por não ter com quem deixar seus filhos, e assim acabam empreendendo por necessidade. É importante valorizar os negócios dessas mulheres, pois é assim que muitas estão colocando comida dentro de casa", finalizou a artesã Kati.

Foto: Arquivo pessoal

Suportes para vasos feitos em macramê são alguns dos produtos apresentados nos eventos

Foto: Pixabay

Efeito pandemia: união civil pela internet é opção em JP

De junho à primeira quinzena de agosto deste ano, ocorreram 500 casamentos online por plataformas digitais

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

Mais de 500 casamentos online foram realizados em João Pessoa por meio da plataforma digital Zoom, de junho até a primeira quinzena de agosto de 2020. A inovação tecnológica foi a alternativa encontrada pelos cartórios para amenizar o impacto da pandemia de covid-19 e, também, pelos noivos que se viram numa condição atípica e optaram por não adiar a união civil.

Muitos casais tiveram que adiar o casamento religioso e todos os contratos da festa em razão da pandemia, mas puderam oficializar a união através do casamento online. Este é o caso de Aline Vieira e Luís Venceslau que namoram desde agosto de 2018, começaram a morar juntos em maio do ano passado e três meses depois ficaram noivos.

Em janeiro de 2020 começaram a organização do casamento agendado para maio. "Somos um casal muito prático e, por não ser um casal de primeira viagem já sabíamos o que queríamos. Rapidamente, todos os serviços foram contratados, alguns já pagos, quando começou a pandemia. Consegui adiá-los porque a maioria são pacotes. O meu vestido de noiva estava na costureira e a confecção ficou parada e continua até agora. Se a pandemia estiver controlada faremos a cerimônia religiosa em dezembro deste ano, para 100 convidados", disse.

A pandemia da covid-19 não foi empecilho para este casal tão convicto em formalizar a união no dia 17 de junho de 2020. Aline sentiu a mesma sensação de estar presencialmente no fórum ao ouvir o discurso do juiz, mas a ausência do apoio familiar fez falta durante a concretização do matrimônio.

"Já tinha sido casada anteriormente, o nervosismo é o mesmo. A estranheza foi pela confusão do uso da plataforma por alguns noivos que deixavam o microfone ligado com frequência e acabávamos ouvindo o que se passava em outros lares. Ficamos muito emocionados e felizes, mas também sentimos falta da presença dos familiares e amigos", disse.

Foto: Arquivo Pessoal

Para não adiar a data do casório, Luís Venceslau e Aline Vieira oficializaram a união através da plataforma Zoom

Em casamento coletivo, noivos selam compromisso através de "Blockchain"

O primeiro casamento online por meio da tecnologia Blockchain ocorreu no dia 10 de junho de 2020, após quatro meses sem nenhuma celebração de casamento civil. Rayane Bernardino e Higor Félix estavam entre os 30 casais que participaram da cerimônia. Eles estão juntos há nove anos. Em fevereiro deste ano, o casal deu entrada na papelada do casamento civil, mas devido à pandemia a cerimônia agendada para março foi cancelada. Em junho, os profissionais do cartório Azevêdo Bastos entraram em contato informando que o casamento civil poderia ser realizado online.

"Fizemos parte do primeiro grupo de noivos a oficializar o matrimônio através da plataforma Zoom. Eu achei muito organizado para a primeira vez. Todos os casais estavam no horário certinho, o juiz também. Foi uma experiência diferente e inovadora ao mesmo tempo", relembrou Rayane.

Foto: Arquivo Pessoal

Juntos há nove anos, casal participou da celebração virtual e afirma que tudo foi bem organizado

Festa não fez muita diferença

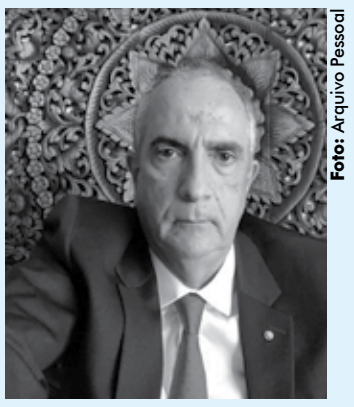
Há um ano o casal ficou noivo. Eles foram morar juntos, mas quando oficializaram a união Rayane estava grávida de sete meses do pequeno Benício. "Casamos no dia 10 de junho. Em relação à festa não fez muita diferença porque planejamos fazer uma cerimônia simples para amigos e familiares quando acabar a pandemia. Mas o fato de eu estar grávida nestas circunstâncias sem ter o apoio da minha mãe no dia do casamento foi complicado. Benício nasceu há uma semana", falou emocionada.

UNIÕES ONLINE DEVEM CONTINUAR

Por mais que tenha sido uma consequência imposta pelo período de isolamento social, muitos apostam que este formato deve prevalecer mesmo após a pandemia. É o caso do juiz de casamentos Romero Carneiro Feitosa, que acredita que a modalidade do casamento feito por vias digitais veio para ficar. Em João Pessoa, dez cartórios de registro civil estão aptos a prestar este serviço.

Para o juiz de casamentos, Romero Feitosa, a celebração online tem suas vantagens e, por isso, ele acredita que este formato poderá permanecer. "Gosto do contato humano na hora de oficializar o matrimônio, mas a celebração online trouxe muitas vantagens. O espaço do auditório no Fórum de Jaguaribe é pequeno e há dificuldade de acomodação e estacionamento nas redondezas. Com a inovação tecnológica, os familiares e noivos poderão assistir a cerimônia no conforto de sua casa pós-pandemia. Isso se aplica também a reuniões de trabalho pois diminuirá o custo", enfatizou o juiz de casamentos.

Foto: Arquivo Pessoal


Juiz Romero Feitosa: formato digital reduz custos do casamento

■ Blockchain: Cartório em João Pessoa foi pioneiro no Brasil

O cartório Azevêdo Bastos, com sede em João Pessoa, foi o primeiro do país com registro em Blockchain - uma tecnologia que permite a imutabilidade do registro desses casamentos numa rede de computadores no mundo inteiro. "O Blockchain é uma tecnologia muito inovadora. Os dados ficam armazenados de forma segura e imutável. Após a cerimônia, os dados de cada casamento são registrados nesta plataforma, sendo possível a consulta no site do cartório através do Tribunal de Justiça da Paraíba contido na certidão", informou a assessoria de imprensa do cartório.

O processo de habilitação de casamento é feito presencialmente ou de forma eletrônica. Se presencialmente, os noivos podem se dirigir até o local para dar entrada na papelada, levando todos os documentos. A segunda opção se dá através do site do cartório, pois todos os documentos do casal e testemunhas podem ser anexados.

Fotos: Divulgação

Serraria: cidade preserva antigos engenhos e casarios

Passeio equestre é um dos pontos fortes do turismo, bem como as caminhadas ecológicas e a gastronomia na zona rural

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

Distante apenas 89 quilômetros de João Pessoa, o município de Serraria se destaca pela beleza da natureza, clima frio e os engenhos existentes que ainda preservam bem a sua arquitetura. Serraria é destaque na realização de imensas cavalhadas, torneios de futebol amador e uma população predominantemente católica, tendo como principal atração a festa religiosa, que é promovida no dia 31 de dezembro, data consagrada ao Sagrado Coração de Jesus.

A Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus fica localizada na bela Praça Antônio Bento, no Centro da cidade. A igreja surgiu com uma humilde capela da qual existia um altar em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte, enquanto que a praça ainda preserva a sua construção original com um obelisco, uma moldura e uma roda de moinho em referência à vasta quantidade de engenhos da região.

A beleza arquitetônica dos antigos casarios muito bem preservados são ainda atrativos nas ruas do Centro da cidade. Passeio equestre é um dos fortes do turismo na cidade de Serraria, bem como as caminhadas ecológicas às reservas legais e gastronomia na zona rural, em pontos estratégicos. No período de realização da Rota Cultural Caminhos do Frio, acontece a grande Cavalgada da Fé, reunindo milhares de fiéis de toda a região, que vão às ruas para aguardar a passagem dos cavalheiros.

> No período da Rota Cultural Caminhos do Frio acontece a grande Cavalgada da Fé, reunindo milhares de fieis de toda a região

A riqueza na arquitetura dos antigos engenhos é atrativo permanente no município. Construído em 1883 por Joaquim Miranda de Melo e sua esposa Nazinha Espínola, o Engenho Baixa Verde é um dos acervos arquitetônicos mais completos encontrados na arquitetura colonial rural do Nordeste. O engenho mantém toda a sua estrutura da época, a exemplo da casa-grande; capela; casa de hóspedes; senzala; barracão; terraço e depósito para secagem e armazenamento do café; moenda, sala de fermentação e alambique para destilação da Cachaça Vila Real.

A construção ainda guarda as belezas do período colonial com a presença das suas "eiras e beiras" e seus ricos detalhes esculpidos nas fachadas. Em uma visita ao Engenho Martiniano, o turista vai conhecer todo o processo de fabricação da Cachaça Cobiçada, que é fabricada desde 2005. A visitação é iniciada desde o corte de cana, moenda, fermentação, alambique, aquecimento, condensação e engarrafamento.

A Cobiçada passa pelo processo de envelhecimento de 90 dias e são produzidas nos tipos Cristal transparente, umburana (amarelada) e a Premium, envelhecida em barril de carvalho, em que a cor e o gosto são semelhantes ao uísque. Próximo a esse Engenho você encontra a Mata do Grilo, que tem preservação ecológica e um atrativo especial: A Pedra da Furna, antigamente usada como abrigo pelos índios.

Serraria conta com o Mirante 360º, que fica instalado em uma altitude relevante, proporcionando uma visão panorâmica e um pôr do sol maravilhoso. Turismo equestre em uma altitude entre 560 a 600 metros acima do mar, esse é uns dos pontos mais culminantes da cidade. Outro destaque no turismo religioso é a Capela Sítio Jabuticaba, que fica localizada entre o município de Serraria e Arara. A Pedra do Urubu, lugar que proporciona vista para as cidades circunvizinhas, como Guarabira, Borborema e Pilões, também é atrativo no município.

> Em uma visita ao Engenho Martiniano, o turista vai conhecer todo o processo de fabricação da Cachaça Cobiçada, que é fabricada desde 2005

Em uma área elevada se consegue ter uma vista 360 graus da região, que fica o sítio Trincheiras. O local, apesar de ser residência do proprietário, senhor Roberto Cavalcanti, ele tem prazer em receber turistas que vão à cidade. No sítio, é possível visualizar as cidades de Areia, Remígio, Arara, (Zona Norte), Guarabira (Frei Damião), Serra da Raiz, Belém, Pirpirituba e até luzes de Mari (zona Rural), Pilões, Solânea e Bananeiras. Ele mostra pés de café, serve suco de amoras e conta a história da cidade e seus ilustres moradores. A visitação é feita por agendamento através do telefone: (83) 99601-1011.

Fotos: Divulgação

A Cavalgada da Fé (foto do meio, à direita) atrai fiéis de toda a região, além dos engenhos e casarios que preservam a cultura e história da cidade. Outro ponto alto é a festa religiosa que acontece em dezembro, data consagrada ao Sagrado Coração de Jesus

‘Covid-a’

Dança une artistas da Paraíba e de outros estados em uma performance virtual coletiva para a memória das mais de 100 mil vidas interrompidas pela pandemia no Brasil. Página 11

Foto: Divulgação

Editora A União revela os seus novos projetos em andamento

Obras sobre nomes ilustres, como Lourdes Ramalho, Wills Leal e Linduarte Noronha, estão nos planos da empresa

Foto: Marcus Antonius

Respeitando todos os protocolos de segurança por conta da crise sanitária, o gerente da Editora, Alexandre Macedo, mostra os recentes lançamentos: a antologia de crônicas ‘Espelhos de Papel’ e a nova versão de ‘Celso Amorim: Entre Virtudes e Vocações’

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Apesar da pandemia, a Editora A União, que integra a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), está em plena atividade e cumprindo todo o protocolo de segurança. Além da elaboração de projetos em andamento para a publicação de livros até o final deste ano, a empresa se prepara para participar de mais uma edição – a sexta – do Agosto das Letras: Festival de Leitura da Paraíba, evento virtual que será realizado na semana que entra, entre os dias 20 e 22.

Na ocasião, será lançado durante uma transmissão ao vivo pelo canal da Funesc no Youtube (/funescpbgov), a obra *Chã dos Esquecidos*, organizada pelos professores Diógenes Maciel e Valéria Andrade.

“O livro retrata a vida e a obra da poetisa, dramaturga e pesquisadora Lourdes Ramalho (1920-2019), que nasceu no Rio Grande do Norte e se radicou em Campina Grande”, disse o gerente da Editora, Alexandre Macedo, que participará do evento com um dos organizadores da obra, o Diógenes Maciel, debatendo com o reitor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Rangel Júnior.

Macedo observou que o estabelecimento de parcerias com outras instituições vem contribuindo para a produção e o lançamento dos livros. “Algumas já estão consolidadas, como as da Editora A União com a UEPB e a Fundação Casa de José Américo (FCJA), mas estamos buscando também outras parcerias, pois acreditamos que elas contribuem para fortalecer a cena literária da Paraíba”.

Além do livro sobre a dramaturga Lourdes Ramalho, Alexandre ressaltou que outras obras estão em fase de produção, cujos lançamentos estão previstos para acontecerem até o final de 2020. Se tais eventos serão realizados de forma virtual ou presencial, ele comentou que isso vai depender de como vai estar a situação da pandemia e de como será o protocolo das autoridades da área sanitária. “Mesmo com todas as dificuldades, por conta da pandemia, nós estamos num momento de muita efervescência na área de publicação”, garantiu o gerente da Editora A União.

No prelo

Um dos livros que está em fase de produção é o *Paraíba, Nossa Natureza*. “A obra retrata as Áreas de Proteção Ambiental (APA) geridas pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) no Estado da Paraíba, a exemplo do Parque dos Dinossauros, no Alto Sertão; Areia Vermelha no Litoral, no Município de Cabedelo; e Tambaba, na cidade do Conde. Os textos estão sendo escritos por mim e pela jornalista Teresa Duarte, com imagens do fotógrafo Roberto Guedes”, observou Macedo. “Visitas ainda estão sendo feitas aos locais para coleta de informações e registro de fotos e, por isso, ainda não há previsão de lançamento”.

Outra publicação em fase de produção é o segundo volume de *Paraíba na Literatura*. A exemplo do primeiro livro, lançado no ano passado, o gerente da Editora informou que serão homenageados mais 20 autores, por meio do destaque de suas vidas e produção literária. Serão perfilados, dentre outros, Ascendino Leite (1915-2010), Marcos Tavares (morto no último dia 22 de junho, aos 72 anos), Horácio de Almeida (1896-1983), Lúcio Lins (1948- 2005), Orlando Tejo (1935-2018) e Vanildo Brito (1937-2008).

Os textos estão sendo escritos por nomes como Mercedes Cavalcante, João Trindade, Juca Pontes, Águia Mendes, Antônio Mariano, Carlos Newton Júnior, Paulo Vieira, Sérgio de Castro Pinto e João Batista de Brito.

“Essa série vem sendo produzida dentro de uma política editorial que busca de dar visibilidade aos grandes nomes da nossa literatura, além de valorizar a nova geração de escritores e fomentar a formação de leitores”, ressaltou.

O projeto da agenda de **A União** para 2021 também está em fase de elaboração. “Em 2019 contemplamos a literatura paraibana, em 2020 as artes plásticas e no ano que vem será a música”, revelou Alexandre Macedo. “E vamos iniciar a produção de uma plaquete sobre a vida e a obra de Wills Leal (1936-2020). A publicação terá textos do jornalista Alexandre Nunes e de convidados, como o crítico João Batista de Brito, e deverá ser lançada na edição do Fest Aruanda, que será realizada no final do ano, em João Pessoa. E também está em fase de elaboração a produção da plaquete sobre o cineasta Linduarte Noronha (1930-2012), com o objetivo de homenagear os 90 anos de seu nascimento”.

+ Lançamentos se destacam no cenário literário paraibano

O gerente da Editora A União, Alexandre Macedo, contou que algumas obras publicadas e lançadas em transmissões ao vivo pela Internet, neste primeiro semestre, se destacaram na cena literária da Paraíba.

Um exemplo é a antologia *Espelhos de Papel - A Vida Refletida em Crônicas Publicadas nas Páginas do Centenário Jornal A União*, que reúne textos de 19 escritores que colaboram com o jornal e seu suplemento, o *Correio das Artes*, dentre os quais estão nomes veteranos e da nova geração, como Gonzaga Rodrigues, Vitória Lima, José Nunes, Ana Adelaide Peixoto, Tiago Germano e Thomas Bruno Oliveira.

Macedo ainda mencionou a publicação, no final de julho, por **A União**, da revista *90 Anos da Revolução de 1930*, um suplemento especial para homenagear o aniversário desse histórico evento. E também o lançamento, numa parceria da editora com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da trilogia *Celso Furtado – A esperança militante*, coleção dividida em três assuntos (*Interpretações*, *Depoimentos* e *Desafios*, respectivamente), cujo intuito foi o de marcar o transcurso, em 26 de julho, do centenário de nascimento do economista, escritor e ex-ministro paraibano (1920-2004). Depois dos lançamentos iniciais no formato digital, os volumes físicos já estão sendo impressos.

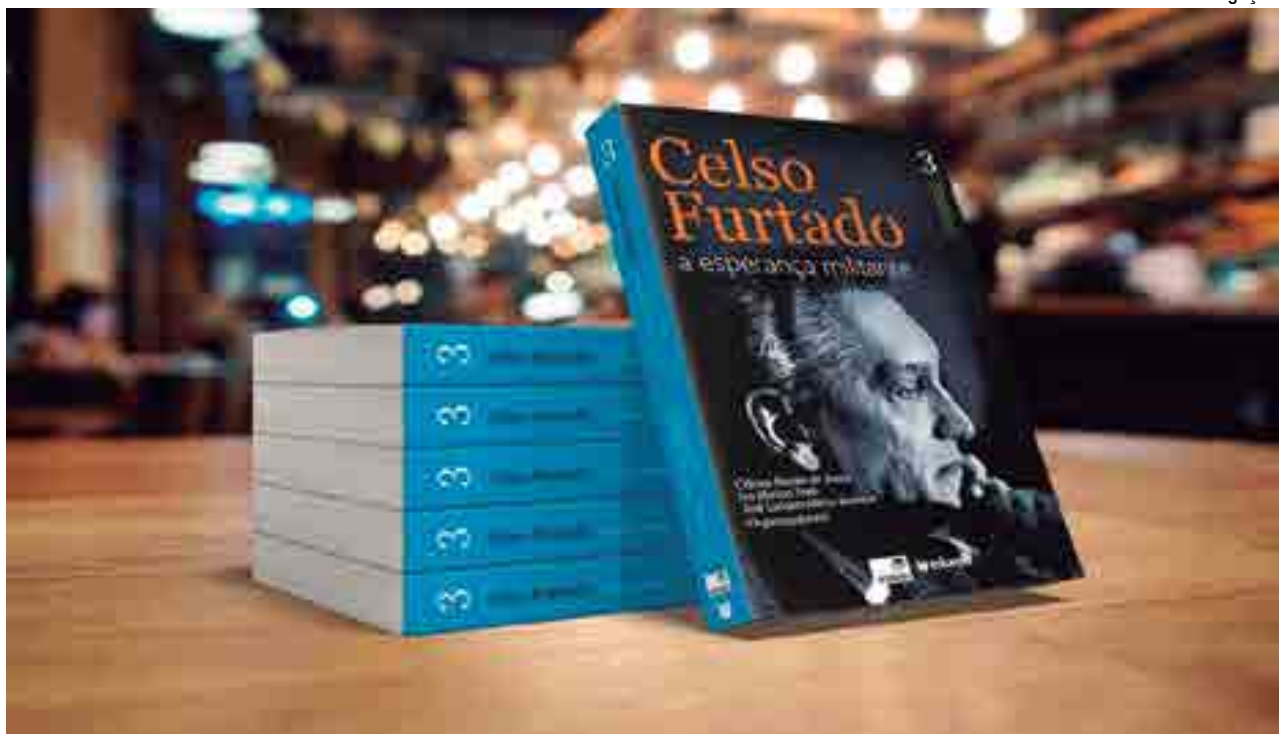


Foto: Divulgação

Depois do lançamento dos três volumes em formato digital, a coleção ‘Celso Furtado – A esperança militante’ está ganhando edições físicas

No começo deste mês, em outra parceria com a Editora A União e a EDUEPB, foi apresentado a versão atualizada do livro *Celso Amorim: Entre virtudes e vocações*, do embaixador e ex-ministro de Relações Exteriores do Brasil que dá nome à obra. A coletânea foca nos textos produzidos por ele entre os anos de 1991 a 2011. Durante o evento virtual de lançamento, transmitida na página do Facebook da própria publicação e pelas redes sociais oficiais da Rádio Tabajara, o autor paulista proferiu uma palestra sobre o tema “Política externa brasileira e Democracia: Balanço e perspectivas”.

A transmissão on-line foi organizada pelo professor da UEPB e organizador do livro, Carlos Enrique Ruiz Ferreira, e pela diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), a jornalista Naná Garcez.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Certo como 2 e 2 são 5

A existência de um grupo social pressupõe algum consenso em relação a valores. Noções sobre o bem e o mal, a verdade, a realidade e a justiça. Membros de organizações mafiosas como a Camorra e a 'Ndranghet não acham errado extorquir comerciantes e assassinar pessoas. Traficar drogas. Subornar burocratas. Políticos e policiais. Mas estão de acordo com outros princípios morais. Como demonstraria a pouca ou nenhuma tolerância com quem descumpre a lei do silêncio (Omertà), a homoafetividade e casos amorosos com mulheres de companheiros de profissão.

A questão sobre se "este ou aquele ato é moralmente apropriado?" nem sempre pode ser resolvida com o apelo a regras "universalmente aceitas" ou verborragia metafísica. Discordâncias ocorrem até mesmo em pequenos grupos e em sociedades "selvagens" – que imaginávamos submetidas à absoluta coerção dos costumes.

Não é à toa que Malinowski mencione a existência de uma "jurisprudência selvagem", e até casos de vista grossa em relação à violação do tabu do incesto entre tribos da Melanésia. As "leis civis" "primitivas" não são tão rígidas e absolutas como pensávamos; tampouco apresentadas como revelação divina. As forças sociais que as sustentam, de certa maneira, são mais racionais que mágicas. A lei na sociedade selvagem também estão sujeitas à flexibilidade e adaptação.

Tendemos a acreditar que as coisas possuem propriedades bem definidas e que os sentidos são fontes seguras de conhecimento. Bertrand Russell endossava a ideia de que na vida cotidiana tomamos como certas coisas que dificilmente passariam num exame criterioso. Uma mesa de madeira que à primeira vista pareça retangular, lisa, fria, dura e de cor uniforme, teria todas as suas características redefinidas se nos ocupássemos dela mais detalhadamente. Assim os feixes de luz que incidem de maneira não uniforme sobre a mesa criaria uma variação de matizes de cores. Pessoas que a estejam observando de perspectivas distintas terão percepções diferentes. Essas dificuldades só aumentarão se o observador sofrer de icterícia ou daltonismo.

George Berkeley que no século 18 adotou uma tese ainda mais radical, dizia que a matéria não existe e que as coisas são resultados das nossas percepções – gostaria de saber se o filósofo aceitaria fechar os olhos e receber um soco de Mike Tyson, mas creio que tal experimento científico não seja possível. Um de seus argumentos mais conhecidos se baseava num homem que, com uma mão quente e outra fria, coloca ambas em água morna. A água, então, pareceria quente e fria ao mesmo tempo; o que o levaria a concluir que tudo é uma questão mental.

No dia a dia esse problema é contornado por um acordo tácito, isto é, pela crença de que as propriedades fundamentais do mundo se mantêm inalteráveis. Isso vale para nossa relação com a natureza e a sociedade. Na vida social, situações inesperadas ou que destoem muito de uma noção de normalidade necessitam respostas coerentes, elaboradas por meio de vocabulários socialmente válidos.

Os sociólogos Marvin Scott & Stanford Lyman argumentavam que desculpas e justificativas serão julgadas irracionais, assim como as pessoas que as utilizam, caso não correspondam às expectativas sociais. Isto é: quando atores sociais se veem incapazes de normatizá-las dentro do acervo de conhecimentos e expectativas previamente compartilhadas.

Certos episódios produziriam incongruências entre os eventos esperados e os que realmente aconteceram. Há pouco tempo uma de minhas amigas me revelou experiências estranhas, como a saída de sua alma do corpo durante o sono, telepatia e conversas com extraterrestres. Julguei que tivesse enlouquecido, mas hoje acredito que seja mais uma questão de perspectiva.

Em algumas culturas existe a crença de que o desejo sexual masculino é incontrolável. O que é aceito como desculpa para relações extraconjugais. Scott & Lyman contam a história de uma mulher mexicana que ficou furiosa com a desculpa dada pelo marido para as marcas de batom na gola de sua camisa. Ele disse que era tinta vermelha. A esposa se sentiu enganada, menos pela traição do marido do que pela desculpa esfarrapada. Para a sua cultura, aquele era um comportamento esperado, justificado biologicamente. Creio que alguns dos meus leitores estejam agora se lamentando por terem nascido no Brasil. Poderia até citar alguns nomes, mas não cairia bem.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

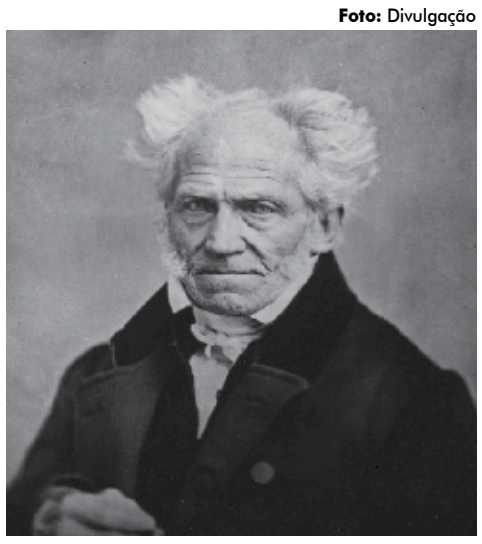
O vazio da existência

Existem indivíduos que determinam o caminho da felicidade a partir dos lucros gerados pelos outros e obedecem, de forma perversa, os próprios desejos ilimitados, onde todos os esforços representam vazios insaciáveis. Alguns relacionamentos humanos estão adoecidos porque o único sentido da vida é a futilidade das vontades; e as atitudes tornam-se nada e se lançam no vazio da existência. Nessa patologia, consequentemente, esses indivíduos não apresentam identidades porque o passado é algo abstrato e está para o presente como algo está para nada, continuamente, o que foi não mais existe, mas tudo que existe, no próximo momento, já foi. Apesar dessa visão desiludida da vida, um indivíduo torna-se consciente de sua existência após um breve estado de não existência, e, novamente, retorna a um estado alienado de não existência por um tempo muito longo. Diante dessas crises existenciais, o sentido da vida pode surgir a partir da compaixão e do respeito ao outro para suportar as próprias limitações, de forma a aceitar que sempre o outro tem algo a fazer de melhor, do que os próprios esforços limitados.

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) dedicou parte da sua obra sobre o amor. Ele afirmou que o mais importante da vida é amar. Um dos seus livros mais lidos é *O Mundo Como Vontade e Representação* (1819). As suas teses apontam razões inconscientes e biológicas da paixão e amor. Entre seus textos temos *O Vazio da Existência*. Ele nos diz: "a existência em si mesma não tem valor, visto que o tédio é meramente o sentimento do vazio da existência".

Para Schopenhauer o passado e o futuro não existem. Tudo que há é o presente, e apenas por isso que o momento presente deve ser mais valorizado que o passado ou o futuro. Ainda sobre *O Vazio da Existência*, ele diz: "As cenas de nossa vida são como imagens em um mosaico tosco; vistas de perto, não produzem efeitos – devem ser vistas à distância para ser possível discernir sua beleza. Assim, conquistar algo que desejamos significa descobrir quão vazio e inútil

Foto: Divulgação



Filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860)

este algo é; estamos sempre vivendo na expectativa de coisas melhores, enquanto, ao mesmo tempo, comumente nos arrependemos e desejamos aquilo que pertence ao passado. Aceitamos o presente como algo que é apenas temporário e o consideramos como um meio para atingir nosso objetivo. Deste modo, se olharem para trás no fim de suas vidas, a maior parte das pessoas perceberá que viveram-nas ad interim (provisoriamente): ficarão surpresas ao descobrir que aquilo que deixaram passar despercebido e sem proveito era precisamente sua vida – isto é, a vida na expectativa da qual passaram todo o seu tempo. Então se pode dizer que o homem, via de regra, é enganado pela esperança até dançar nos braços da morte! Novamente, há a insaciabilidade de cada vontade individual; toda vez que é satisfeita um novo desejo é engendrado, e não há fim para seus desejos eternamente insaciáveis. Isso acontece porque a Vontade, tomada em si mesma, é a soberana de todos os mundos: como tudo lhe pertence, não se satisfaz com uma parcela de qualquer coisa, mas apenas como o todo, o qual, entretanto, é infinito. Devemos elevar nossa compaixão quando consideramos quão minúscula a Vontade – essa soberana do mundo – torna-se quando toma a forma de um indivíduo; normalmente apenas o que basta para manter o corpo. Por isso o homem é tão miserável."

Nos dias de hoje, considerando que nada é estável, onde somos lançados numa tempestade de mudanças imprevisíveis e velozes, viver com dignidade o momento presente é a oportunidade de amar o que se tem da existência. O momento presente é o instante de estar em si para conquistar o mínimo de felicidade fragmentada. Existir nesses fragmentos é necessário tornar-se continuo para sempre recomeçar, essa é uma forma de existência para sair do vazio. A felicidade geralmente é imaginária, a qual raramente alcança, e, quando alcança, é apenas um fragmento de felicidade, e isto basta. É necessário aceitar que a natureza humana representa vontades e é uma combinação de necessidades difíceis de satisfazer e as dificuldades são desafios a serem superados e pode representar um ideal de vida para viver intensamente em harmonia o momento presente.

Em resposta ao vazio da existência, trago este poema do ator e compositor britânico Charles Chaplin (1889-1977), *O caminho da vida*:

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos.

A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria.

Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

Na extensão dessa coluna, sinta-se convidado para a audição do 280 Domingo Sinfônico, deste dia 16, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar o pianista chinês Lang Lang (1982). Ele, por ser oriental, conduz sua dinâmica com uma densa espiritualidade.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Jória e Mamãe Coragem

Me parece que o círculo de amizades sinceras está se fechando nessa pandemia. Viver não é fácil, né? Qual seria a melhor forma? Os animais são mais civilizados. "Uns amam, uns andam, uns avançam, uns também". Só vivendo pra crer o que se cumpre diariamente entre comédias e tragédias. Por vezes, num só dia, vivemos muitos.

Como não gostar de Jória Guerreiro, tamanha sensibilidade? Ela é a mãe de Mamãe Coragem. Eu tenho amor por ela. Nem que Walter Galvão ame mais que eu, ou Clarice, desesperadamente Lispector. Jória, Galvão e Clarice gostam dos animais.

Chovia e o céu chorava pelos mais de cem mil mortos da Covid 19. Era domingo, Dia dos Pais e eu recebi um #abraçaço online. O K afogado na dor de milhares. Pois bem, a epidemiologista Jória Guerreiro, Diretora Geral da Anvisa PB, vem trabalhando dia e noite contra o coronavírus. Clap, Clap, Clap!

Semanalmente ligo pra comadre Jória. A gente conversa e eu me transformo. Todos esse tempo em que me encontro preso numa cadeia domiciliar, sem tornozeleira e só agora consigo ver os pássaros nus que me visitam pela manhã. Tantas dúvidas na incerteza de que viver é preciso, mas navegar também é poesia.

A gente queria semear o futuro do país, o K e J, mas nós gatos já nascemos pobres e o futuro foi o monturo. Eu sou humanidade, Jória é humanidade. Jória adora a gata Mamãe. Já eu curto o gato Dudé. O que seria de nós, sem os animais? Por que chamo Jória Guerreiro de comadre, se não sou padrinho de Clarice, nem ela, madrinha de Vítor? E é preciso? Ora, "se o rei Zulu já não pode andar nu, salve a batina do bispo Tutu".

A alegria de Jória em minha vida, entre muitas ou poucas idas na casa dela, a noite mais cobiçada: quando ela e Galvão receberam Caetano Veloso para um jantar. Bem simples. Um cinema falado, em sua perfeita ortografia, enchendo a dona da casa de felicidade. Odara. Teve até uma sopa de camarão, feita pela professora Julie Osias. Jória, Mamãe Coragem, e o galego Rayovac estavam entre os mais felizes. Silvio Stallone também.

Bate o pé vai na fé. Setembro e a beleza do jardim de Dona Francis, eterna primavera, onde passeiam nossos gatos Dudé e Tica. Sim, o sobrenome dela, Guerreiro, me arma até os dentes. Eu não fujo mais dos imbecis. Eles não usam máscaras. E não gostam dos animais.

Quando eu era pequeno meu pai criava um gato do mato, (era lindo), até o dia em que minha mãe disse: "ou eu, ou ele" Meu pai era do Brejo, meu avô do Cariri, meu bisavô do Sertão e o trisavô é Galvão. O que faz da minha crônica um movimento é essa liberdade de escrever sobre o que me dá na cabeça, nunca na telha. Eu não tenho telhas na cabeça. Outro dia lembrei que no telhado da nossa casa do sertão, tinha uma telha de vidro, para alumiar os cômodos. Luz do sol.

Todo dia escuto essa frase: "Vai passar". Será comadre Jória? "Será, que será? O que não tem certeza nem nunca terá, o que não tem conserto nem nunca terá?

No domingo no parque, Dia dos Pais, Jória foi me mandou um #abraçaço pelo Whatsapp. Eu queria mesmo era que Mamãe (que lembra Nala Cat), fosse a namorada do preto Dudé. Enquanto isso, eu canto: "Mamãe, mamãe, não chore, eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz mamãe, seja feliz".

Kapetadas

1 - Acho um saco esse povo que fala - "veja bem". Veja bem o quê?

2 - Vou pra lounge preciso downtempo, para sair dessa pandemia.

3 - Som na caixa: "Eu e meu gato, ele na cama, eu no telhado, ele sem as botas e eu sem grana", Rita Lee

Colunista colaborador

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Um Godard impressionista em nova imagem e palavra

Foto: Divulgação

Realizador francês Jean-Luc Godard, uma das maiores expressões do cinema Nouvelle Vague

Um dos mais simbólicos representantes do cinema francês dos anos 1950, no período pós-guerra, Jean-Luc Godard sempre foi um cineasta controvertido. E não apenas pelos filmes que realizava. Quem assistiu ao seu *Carmen de Godard*, obra com véis na ópera do compositor francês Georges Bizet (cujo nome também é Alexandre), que apresentei em debate no Cineclube da Fundação Casa de José Américo, alguns anos atrás, sabe muito bem da importância inovadora do seu trabalho para a cinematografia francesa.

Provocante, ousado em suas propostas, Godard não é um diretor muito fácil de ser entendido. Quem viu o seu *Alphaville*, com a bela Anna Karina e Akim Tamiroff, filme dos meados dos anos 1960, sabe do que falo agora. Obra de complexo entendimento, pelo uso de espaço-tempo diferenciado. O recurso auto-narrativo do próprio Godard está sempre atual e presente em suas obras. Curioso, à época, existiu até um vaticínio no filme: "Vivre dans une dictature numérique" ("Vivendo sob uma ditadura digital"). Seria uma premonição aos dias de hoje?

Já com os seus 89 anos de idade, após nos ter dado o polêmico *Adeus à Linguagem*, primeiro filme de Godard em sistema 3D, inclusive premiado pelo júri do Festival de Cannes em 2014, ele nos traz agora mais um "agrado" visual titulado *Imagem e Palavra*, usando também o recurso que chamaria de "impressionista". Filme que me parece ainda não exibido entre nós.

Buscando agregar valores culturais ao "cinemista" que sou, encontro na Netflix – pasmem! – o tal *remake* de *Imagem e Palavra*. É uma nova experiência para alguém que já conhece e tentou avaliar a filosofia godariana com algum senso crítico; o que chamaria de um oportuno plasmar estético sobre sua obra atual.

A rigor, o filme vai direto no sentido do que seja palavra-imagem, daí a sua complexidade na abordagem. Porquanto, há situações inusitadas soltas agregando pensamentos sobre valores, ocasiões e propostas as mais variadas de obras do cinema mundial. Falas textuais de filmes que se mesclam, criando uma narrativa complexa, mas possível de uma compreensão dentro de cada novo inquérito do espectador. Aliás, essa terá sido sempre a proposição do cinema de Godard.

No tocante às imagens, referência maior do cinema (que o diga Chaplin), o filme as trata visualmente não de forma habitual. Algumas são visualmente naturais, outras vezes solarizadas em cores vibrantes, como se num frenesi estético inimaginável. Como já frisei, não há uma ansiedade com a tradição lógica narrativa, linear, ao contrário, diria trata-se de um raro delírio visual, algumas vezes em cor, outras em preto e branco, evocando as técnicas do cinema mudo.

Para muitos um cineasta de reflexões desconexas, este seu filme tem um roteiro que premia ao mesmo tempo a ficção e o documentário, relatando com imagens situações atuais do mundo árabe e alguns instante de pura histeria. Tudo é feito de forma diegeticamente narrada pela voz do próprio Godard. O mesmo Godard que, no final, deixa uma palavra (sem imagem) de esperança, como o fizera em *Alphaville*, este, um verdadeiro filme *noir*.

Ora mórbido, ora romanticamente suave, esse o Godard que avaliamos. Uma das maiores expressões do cinema Nouvelle Vague, um transformador da forma narrativa folhetinesca e linear, não obstante, fazendo pensar muito mais sobre os temas e situações que abordou em seus filmes. – Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br.

APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) - Cadeira 15, Patrono: Jurandy Moura (Ocupante: ator Fernando Teixeira). Jurandy era poeta e artista voltado para questões filosóficas, com permanentes interrogações sobre sua própria existência. Realizou alguns filmes de caráter didático, mas sua obra maior foi o Padre Zé Estende a Mão, de 1969, em 16mm. Com esse filme Jurandy concorreu aos festivais de Oberhausen (Alemanha), Cracóvia (Polônia), Londres (Inglaterra). Participou de vários roteiros de filmes paraibanos, sendo presidente da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba. Morreu em 5 de novembro de 1980, num acidente automobilístico, aos 40 anos.

'Covid-a'

Performance virtual coletiva de dança homenageia os mortos pela pandemia

Foto: Divulgação

Artistas da Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro vão dançar ininterruptamente por mais de 27 horas

Hoje, a partir das 16h, o projeto 'Covid-a: um segundo de dança por cada vida interrompida' promoverá uma performance virtual que levanta a voz e convoca o movimento contra a banalização da vida. São 33 artistas de João Pessoa (PB), Recife (PE), Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ) que vão dançar ininterruptamente mais de 27 horas em memória dos mortos pela pandemia no país.

"Nossa ação parte de um encontro artístico e afetivo, mobilizado pela artista pernambucana Valéria Vicente, que reflete sobre o contexto de descaso do governo brasileiro em relação as mais de 100 mil vítimas fatais da covid-19 e as condições de resistência e de vulnerabilidade social impostas pela pandemia", explica o texto de divulgação da proposta.

A performance começa exatamente cinco meses depois do primeiro óbito registrado no Brasil, em 16 de março. A transmissão ao vivo será através do blog da iniciativa (www.projetocovida.wordpress.com,) que seguirá pela madrugada e continuará até amanhã.

'Covid-a' é uma construção coletiva a partir da proposição do grupo de pesquisa Cosmover: Dança em Perspectivas Pluriepistêmicas do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenado por Carolina Laranjeiras e Valéria Vicente. Todo o trabalho está sendo articulado através de reuniões on-line.

Através do QR Code acima, acesse a 'live' do projeto

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Suprassumo da linguagem

Foi em 1976 que tive o meu primeiro poema publicado. Caderno Cultural de **A União**, salvo engano, num domingo de fevereiro. Dez anos depois, iria inseri-lo, entre outros, no livrinho *A geometria da paixão*, com o qual fazia minha estreia no campo da poesia.

Me vê em letra de fôrma e num jornal de forte tradição cultural e literária não só me deixou orgulhoso, mas também me abriu os olhos para a responsabilidade que envolve o ato de escrever. Escrever é mais sério do que se pensa. Publicar, ainda mais. E poesia, sobretudo.

Sempre considerei a poesia, ou melhor, o poema, o suprassumo da linguagem. Ao se converter em poema, o que pressupõe vivência humana e convívio com os ossos da palavra, a poesia instaura, na percepção de quem a experimenta, autor e leitor, o estado de beleza absoluto, o êxtase que guarda as luzes primordiais, o conhecimento sagrado de tudo o que existe. Se não for assim, claro, a poesia passa ao largo, e não se resolve no brilho especial de uma imagem reveladora e única.

Quando digo o suprassumo da linguagem, não estou querendo desmerecer os outros gêneros e as outras formas. O romance, por exemplo, para mim, é tudo de maior e mais profundo. O conto, quando toca, direto, na veia dorida do coração e resume, no refúgio menor de uma narrativa, a grandeza do mundo e da vida, atinge a superioridade estética e me leva, abismado, pelas órbitas da insônia.

E a crônica? A crônica é a poesia sem maquiagem, a poesia despida dos ornamentos vocabulares, a surpreendente epifania das vivências comuns, a mulher (desculpem-me a comparação) saída do banho com a beleza escorrendo pelos pingos d'água e latejando sob a miraculosa umidade da manhã.

Portanto, o suprassumo da linguagem diz respeito à simples textura das palavras. Na poesia, elas (as palavras) pesam mais, embora devam ter a leveza e a exatidão de um signo matemático. Um signo matemático que incorpore, à sua inaudita simetria, a energia musical que se esconde no silêncio das coisas.

Poesia é perdão, disse certa feita num poema que integra *O solene sabor das coisas inúteis*. Mas também é precisão. Não por causa da rima. A rima quase sempre nunca é poesia. Mas por causa do olhar... O olhar, na poesia, deve ter a medida do invisível e a métricação do divino.

Só tenho o olhar pleno quando os olhos olham o mundo poeticamente. Olham para ver tantos artefatos invisíveis a olho nu. Tanta verdade indevassável em seus corpos mudos, tantos objeto que falam nas furnas do mistério e que se proclamam pela linguagem mediúnica das metáforas e das hipérboles.

Essa poesia de que falo pode ser encontrada em qualquer forma de discurso e está ali, bem próxima ou bem dentro, do ritmo ordinário das coisas e dos pequeninos e venturosos livros que a vida escreve todo dia, sob o espanto de nossas pálpebras em júbilo.

Por isso, volto ao primeiro poema publicado, *Analogia*, que compartilho com você, caro leitor: "Incha dentro de mim / a lua cheia que não há no céu. // Bato livros e livros, / e meus olhos, molhados, / buscam estrelas / que não há no céu. // Incha dentro de mim/o pão nosso que não há na terra. // Bato livros e livros, / e meus olhos, molhados, / buscam homens / que não há na terra".

Colunista colaborador

Destaque

Amanhã estreia filme sobre a obra de Arnaldo Antunes

Será exibido amanhã, às 22h30, no canal Curta! *Com a Palavra, Arnaldo Antunes* – um documentário autobiográfico sobre o papel que a palavra, a música e a imagem ocupam na obra do ex-Titã e escritor. De sua origem como poeta ao sucesso como cantor e compositor, o artista revisita os momentos mais marcantes de sua carreira. Com 80 minutos de duração, a classificação indicativa é livre.

Ariano Wanderley diz que desunião prejudica o Belo

Ex-diretor de futebol teme que tudo que foi construído ao longo dos últimos anos retroceda e leve o Botafogo ao fracasso

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O ex vice-presidente de futebol do Botafogo, Ariano Wanderley, resolveu receber a reportagem de A União, esta semana, para falar de sua preocupação com o atual momento que vive o Botafogo. Segundo ele, a desunião de dirigentes e ex-dirigentes, e também do elenco, está fazendo com que tudo que foi construído nos últimos anos, possa ser destruído. Ele aponta a desunião como causa principal do clube não está conseguindo os seus objetivos, como o Campeonato Paraibano perdido há pouco tempo.

"O que aconteceu em 2012, quando começou esse crescimento do Botafogo, foi exatamente a união entre todas as alas do clube visando exclusivamente o bem maior da entidade. E isto tudo agora está sendo ameaçado justamente pela desunião. É preciso que todos, sem exceção, deixe de lado a vaidade pessoal e pense no bem maior do clube. Quem está fora tem que respeitar quem está na direção, como também quem está na gestão tem que parar de alfinetar ex-dirigentes, afinal todos são botafoguenses, e no fundo, querem o bem do Botafogo", disse o agora apenas conselheiro do Belo, Ariano Wanderley

Ele fez questão de afirmar que entregou o cargo, porque não podia mais está servindo o clube como deveria, participando ativamente do dia-dia do clube. "No momento, eu ajudo mais o Botafogo como torcedor, como conselheiro, porque sou do grupo de risco e com esta pandemia estou trancado em minha fazenda. Se eu não posso ajudar como deveria, devo deixar outras pessoas assumirem estas responsabilidades. Todos nós entramos e saímos da gestão do clube, porque ninguém, nem um grupo, pode ficar direto na administração. Cansa a gente, cansa todos os setores do clube e até a torcida. O reais botafoguenses têm é que respeitar os que estão no comando e ajudar nas falhas, não ir mostrar os erros na imprensa. Porque, ninguém acerta 100 por cento nas contratações e na administração de um clube", enfatizou.

Quando Ariano diz que todos erraram, situação e oposição, ele faz também uma meia culpa pelo o elenco não ter rendido o que se esperava dele no Campeonato Paraibano.

"Quando eu assumi a vice-presidência de futebol, sabia que já existia um elenco rachado, porque alguns atletas faziam altas farras e esse grupinho discriminava os demais. Eu errei quando não cortei o mal pela raíz. Era para ter colocado para fora e não apenas cobrar um melhor comportamento. Com a chegada de outros atletas, de temperamento mais forte, e que não aceitaram certas regalias do grupinho, a coisa ficou ainda pior. E quando os jogadores vêem que os próprios dirigentes estão divididos e enfraquecidos, aqueles que já têm má vontade se aproveitam da situação para piorar ainda mais o ambiente no elenco".

> "O que aconteceu em 2012, quando começou esse crescimento do Botafogo, foi exatamente a união entre todas as alas do clube visando exclusivamente o bem maior da entidade."

Ariano comentou também uma matéria divulgada na imprensa, afirmando que alguns patrocinadores estão ameaçando abandonar o clube, caso retornem dirigentes denunciados na operação cartola.

"Eu vi isso na imprensa, mas não acredito que seja verdade. Se o site colocou isso, é porque teve acesso a algum outro tipo de informação que eu não tive. É possível que algum patrocinador se sinta constrangido com a situação, mas daí a afirmar que a volta de ex-dirigentes, reais botafoguenses assim como os que estão lá na gestão atualmente, possa provocar uma debandada de patrocinadores, isto eu não acredito. Porque, como eu já disse, todos são botafoguenses que se revezam nas gestões, com um único propósito, o bem do clube. Isto só não acontece quando uns colocam os interesses pessoais acima dos da entidade Botafogo. É preciso renunciar a vaidade e se unir imediatamente, como aconteceu em 2002, ou poderá ser tarde demais", alerta o dirigente, que não se conforma com o racha existente hoje no clube que vem causando prejuízos.

Foto: Divulgação

Ariano Wanderley está bastante preocupado com as divisões no Botafogo e espera que as vaidades fiquem de lado pelo bem do clube

Time tenta recuperação na Série C na estreia de Rogério Zimmermann

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após uma derrota na estreia para o Ferroviário, o Botafogo tenta amanhã a recuperação no Campeonato Brasileiro da Série C enfrentando o Manaus, às 20 horas, no Estádio Almeidão, em João Pessoa. A partida marcará a estreia do técnico Rogério Zimmermann no comando do Belo. O trio de arbitragem para essa partida é do Rio Grande do Norte, comandado pelo árbitro Zandick Gondim Alves Júnior, auxiliado por Lorival Cândido das Flores e Francisco de Assis da Hora.

Foto: Ascom/Botafogo

O treinador teve apenas poucos dias para preparar a equipe para esse jogo contra o Manaus, mas promete um Botafogo diferente amanhã

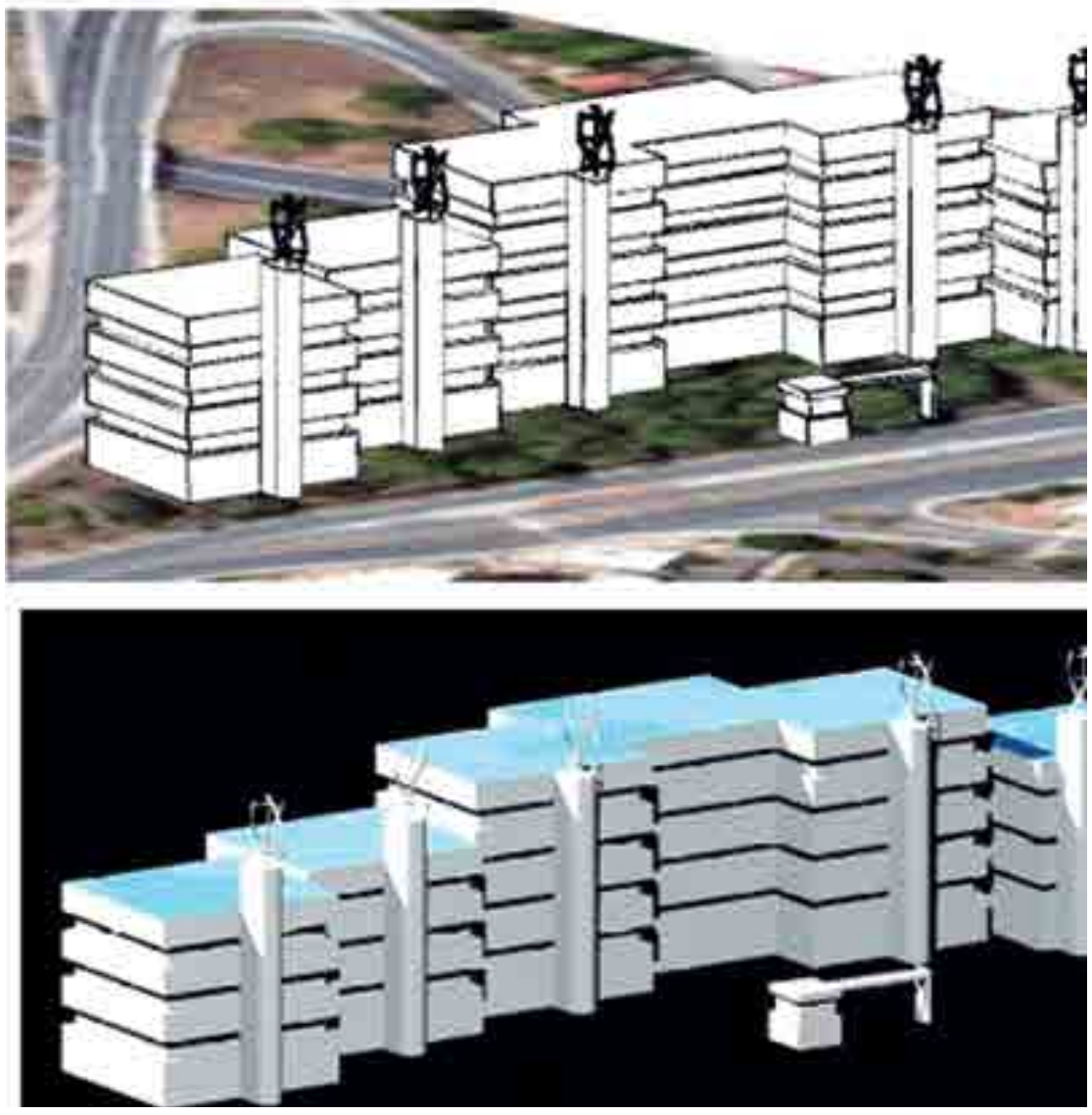
Zimmermann assumiu o comando técnico do Botafogo, na última quarta-feira, na esperança de dias melhores, já que o clube está mergulhado em uma crise, após ter sido eliminado nas semifinais do Campeonato Paraibano. A torcida tem feito protestos, cobrado dos jogadores e da diretoria, que por sua vez, admitiu que o elenco estava rachado, com problemas de relacionamento. O clube dispensou o atacante Maicon Aquino, o meia Cássio Gabriel e o atacante argentino Lucas Simón, e deverá anunciar substitutos em breve.

O treinador teve apenas poucos dias para preparar a equipe para esse jogo contra o Manaus, mas promete que o torcedor já verá um pouco de sua filosofia de trabalho em campo. A expectativa é grande para ver qual será a equipe titular do Belo nesta partida, já que os treinos foram todos secretos, sem acesso do torcedor e da imprensa. O treinador não divulgou com que time ele pretende começar o jogo, mas ele não poderá escalar Fred, que foi expulso contra o Ferroviário e vai cumprir suspensão, além de Juninho e Léo Moura, ambos entregues ao departamento médico.

No Manaus, a situação não é diferente. Após o empate em 1 a 1, na estreia em casa contra o Vila Nova-GO, a diretoria resolveu demitir o técnico Welington Fajardo e contratar Luizinho Lopes. Essa partida marcará a estreia do treinador, que já participou de 3 Brasileiros da Série C e foi vice campeão da Série D.

> O Botafogo perdeu na estreia do Campeonato Brasileiro da Série C por 2 a 0 para o Ferroviário em Fortaleza e jogando em casa, contra o Manaus, pode conseguir a sua primeira vitória

Fotos: Divulgação



Cinco prédios em construção modular formarão o parque tecnológico da UFPB, que vai focar na contribuição e na troca de experiências entre ciência, mercado e sustentabilidade. O projeto vem sendo elaborado nos últimos dois anos

UFPB investirá em parque sustentável de tecnologia

Projeto atenderá às metas de sustentabilidade da ONU, que visam melhorar a vida das pessoas em todo o planeta

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

O que lhe vem à cabeça quando você ouve falar em um parque tecnológico? É bem possível elaborar mentalmente espaços modernos, com equipamentos de ponta, pessoas capacitadas e envolvidas em grandes pesquisas. Mas o trabalho com tecnologia pode, e deve, iniciar ainda no projeto da obra. No campus I da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, um parque tecnológico em avançada fase de planejamento terá como base a sustentabilidade, atendendo aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), metas que visam melhorar a vida das pessoas em todas as partes do mundo.

O Parque Tecnológico da UFPB será alimentado através de energia autônoma mista (eólica e solar), e vai contar com um moderno sistema de aproveitamento de água das chuvas e consumo sustentável. "O conceito pressupõe otimização não apenas na construção, mas também na fase operacional do empreendimento", destaca o diretor de Incubação Empresarial da Agência de Inovação da UFPB, professor Raimundo Menezes.

O projeto, que vem sendo estudado nos últimos dois anos, terá cinco prédios em construção modular, onde serão acomodados centros de pesquisa, laboratórios, incubadoras de negócios e empresas com abertura para parcerias público-privadas. O projeto contempla áreas administrativas e financeiras; salas de incubação e empresariais; restaurante, lojas, lanchonetes e cafeteria; sala de jogos, copa, banheiros e vestiários; biblioteca, salas de criatividade e inovação, minilaboratórios, auditório e espaços de reuniões presenciais e virtuais.

O parque tecnológico vai focar na contribuição e na troca de experiências entre ciência, mercado e sustentabilidade, e promete fazer a diferença na Paraíba. "Certamente terá impactos positivos para todo o Estado, posicionando em definitivo a Paraíba no cenário da inovação tecnológica. Será um centro de desenvolvimento de novas empresas e produtos. Essa iniciativa, certamente, irá trazer impactos econômicos positivos, pois provoca toda a cadeia produtiva existente."

O novo espaço na universidade terá um ambiente híbrido (público-privado) e permitirá edificação, locação e uso dos ambientes por empresas privadas. No parque tecnológico, haverá diferentes atuações nacionais e internacionais, com foco nas trocas entre ciência, mercado, inovação e sustentabilidade. O intuito é alavancar a vocação empreendedora, social e sustentável da Paraíba.

Alunos de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores serão beneficiados pelo equipamento. A apresentação do projeto, com detalhes técnicos e financeiros, e cronograma de execução, acontecerá no primeiro semestre de 2021. O Parque Tecnológico Sustentável será localizado em frente ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), entre a via Expressa Padre Zé, a BR-230 e a Avenida Dom Pedro II e contará com uma passarela de ligação ao terreno da UFPB.

> O parque será alimentado através de energia autônoma mista e terá sistema de aproveitamento das águas das chuvas

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Cultura não suporta visão reducionista

Nada mais é absolutamente prioritário numa sociedade hipermultifacetada como a de hoje. Não adianta somente educação sem cultura. Não há modelo de educação que dê certo sem incluir o fator cultural.

Não há turismo que ganhe velocidade, dê retorno, se não for concretizado onde há cultura, onde existem eventos artísticos sucessivos com as participações dos poderes públicos e das empresas privadas.

Governos "à direita" e "à esquerda" fracassaram em seus "laboratórios" socioeconômicos quando deixaram a cultura de lado. Quando acharam que povo realizado é aquele que tem algo como a "cesta básica" a "bolsa família".

A situação da cultura no Brasil não suporta mais a reducionista visão de prioridades. Governadores e prefeitos não devem ficar prisioneiros de tecnocratas (espalhados pelas áreas da Administração, Finanças e Planejamento), que estão mais para a pulsação lenta dos anos 50 do século anterior do que para as exigências geradas na velocidade da segunda década do século 21.

Nenhum programa oficial de cultura em nenhum Estado ou Município de um país emergente, ou do BRICS (o nosso caso), entra em acordo com a realidade se

não respeitar as necessidades que o mercado exige e os benefícios que ele dá.

■■■■■■■■■■

O Governo Federal, ou de um Estado, ou uma Prefeitura, não devem encarar os que fazem música, literatura, teatro, etc., como se fossem doadores de "sangue cultural". Até porque os poderes públicos não estão com doenças graves ou em estados terminais.

Afinal, saímos de uma ditadura (longa, com todas as características de "anos de chumbo"), experimentamos uma transição traumatizada pela morte do presidente eleito de forma indireta e não empossado (Tancredo Neves), mas, enfim, entramos na normalidade política, após o "impeachment" de Fernando Collor. Há agora uma "democracia política" - não podemos negá-la, apesar dos moldes em que é praticada, com manifestações de corrupção durante processos eleitorais.

Entretanto, não há uma "democracia econômica". Mas, temos grupos organizados, para que isso seja atingido. Nesse sentido, é que a cultura tem de perder sua condição de segundo, terceiro, quarto planos, em que governos (e até alguns artistas importantes) a colocam, como se estivéssemos entre os anos 60 e 90 do século passado. É social, economicamente urgente que o Governo Federal, os Governos Estaduais, as Prefeituras, os grandes empresários, a imprensa, tratem a produção artística com perspectivas de mercado. Todos lucrarão de várias formas. Afinal, eles não dialogam com os investidores nos setores de turismo, industriais, etc.? E a cultura, não é mercado também? Não gira dinheiro em torno da produção de filmes, de shows, de peças, das edições de livros e discos, etc.?

Vamos sair da vanguarda do atraso.

Geléia geral

■■■ Abaixo, a primeira bandeira da Paraíba no período republicano. As faixas são verdes. O círculo, amarelo. O escudo tem as estrelas em fundo azul. A data 5 de agosto de 1585 é em vermelho. Foi usada no enterro de João Pessoa. Os "marqueteiros" de 1930 é que a mudaram.

■■■ **Hoje atuando como trio, o Depeche Mode gravou "Insight", afirmando: "A sabedoria de séculos é revelada em mim na velocidade de un pensamento".**

■■■ Em "Caminhos, sombras e ladeiras", Juarez da Gama Batista lembrou, em 1951, que "a então cidade de N.S. das Neves da Parahyba, não há de ter fugido a esse determinismo ecológico". Não encontrei, até hoje, melhor definição para a vocação desta cidade..

■■■ A biometria é somente o indício dos chips que colocarão em nós. Será preciso fugir. Meu "Nós - An insight" é um livro profético. Alguns críticos não percebem porque só vêem literatura e esquecem que a literatura é um meio e não um fim.

Brasil perde protagonismo na pauta ambiental global

Itamaraty reduz importância do tema em sua estrututura, e país pode ficar sem investimentos externos

Felipe Frazão
Agência Estado

O Itamaraty desmobilizou a frente diplomática brasileira que usava a preservação ambiental como trunfo para atrair recursos e influenciar decisões em fóruns econômicos internacionais. Numa sequência de mudanças políticas, o governo Jair Bolsonaro desistiu de sediar a Conferência do Clima (COP) 25, no ano passado, e rebaixou o tema na estrutura interna do Itamaraty. Agora, é alvo de ameaças de perda de investimentos externos e bloqueio a exportações, além da desconfiança de seu real empenho em levar adiante negociações preservacionistas.

Logo ao assumir o cargo, o chanceler Ernesto Araújo promoveu o que chamou de "agenda de luta contra o ambientalismo ideológico" Reduziu a equipe dedicada a temas ambientais e rebaixou a chefia do setor na estrutura do ministério. A antiga Subsecretaria Geral de Meio Ambiente, Energia, Ciência e Tecnologia foi extinta.

O órgão tinha um Departamento de Sustentabilidade Ambiental e quatro divisões dedicadas a Mudança do Clima, Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Mar, Antártida e Espaço. Ao todo, eram 10 diplomatas em cargos de confiança. No lugar, Araújo criou o Departamento de Meio Ambiente, sem o mesmo poder. Agora são seis diplomatas em funções comissionadas.

Além da mudança organizacional no Itamaraty, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, trocou em março um nome com experiência diplomática em organismos das Nações Unidas, Roberto Castelo Branco, pelo ruralista Eduardo Lunardelli Novaes, no posto de secretário das Relações Internacionais da pasta. A diretoria que cuida de Temas Globais e Organismos Multilaterais segue vaga.

Soft power

Sem o poder econômico de países como Estados Unidos e China, o Brasil fazia do fato de concentrar a maior biodiversidade do mundo, com 20% da fauna e flora, uma arma de seu soft power (termo usado para descrever a capacidade de um país de influenciar os outros por meio de cultura ou ideologia). Liderava negociações multilaterais e formulava mecanismos para atrair verbas de países desenvolvidos - parte do dinheiro de livre alocação.

A delegação brasileira era consultada e seguida nas principais decisões globais por países em desenvolvimento, como vizinhos sul-americanos e nações africanas. A perda desse poderio ocorre em paralelo à alta no desmatamento, considerado no exterior como principal problema ambiental brasileiro.

A mudança na estrutura do Itamaraty é criticada pelo embaixador Everton Vieira Vargas. Em 43 anos de carreira, Vargas chefiou a frente da diplomacia ambiental brasileira. Teve participação direta nas tratativas para sediar a ECO-92, conferência histórica que ajudou a colocar o Brasil entre os protagonistas das discussões ambientais, no momento em que o país era pressionado pelo assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, em 1988. Foi embaixador em Berlim, Buenos Aires e Bruxelas.

Vargas tinha voltado a Brasília para comandar a Subsecretaria de Meio Ambiente, mas acabou ficando sem função na gestão de Araújo. Foi cedido para assessorar o governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), que faz oposição a Bolsonaro. "A atual administração do Itamaraty não gosta muito de gente experiente e fiquei a ver navios", disse o diplomata.

Foto: Pixabay

Com a maior biodiversidade do mundo, o Brasil manteve-se, por vários anos, líder nas negociações multilaterais, atraindo verbas de países desenvolvidos

Colômbia assume vácuo na América do Sul

O embaixador aposentado Rubens Ricupero, ex-ministro da Fazenda e do Meio Ambiente, considera que o Brasil sofreu uma "perda total" de protagonismo na arena ambiental. "Até o governo passado, o Brasil era um dos players principais, claro que não no mesmo nível dos Estados Unidos e da China", afirmou. "O Brasil se anulou internacionalmente, não tem mais nada a dizer." Procurado, o Itamaraty não se manifestou.

No vácuo deixado pelo Brasil, a Colômbia se movimenta. O segundo país mais biodiverso do mundo assumiu um papel de articulação continental, quando o presidente Iván Duque promoveu um encontro com líderes de países vizinhos em Letícia, principal cidade da amazônia colombiana. Foi no auge das queimadas no Brasil, na Bolívia e no Paraguai.

Com apoio da Alemanha, a Colômbia sediou ainda o Dia Mundial do Meio Ambiente, em 5 de junho, e está envolvida na próxima COP 15 de Biodiversidade. Também recebeu US$ 360 milhões de países como Alemanha, Noruega, e Reino Unido - os dois primeiros financiavam o Fundo Amazônia e suspenderam repasses por divergências com Bolsonaro sobre a gestão dos recursos.

Sem experiência

O diretor do Departamento de Meio Ambiente (DMA) do Itamaraty é Leonardo Cleaver de Athayde, um nome sintonizado com o governo Bolsonaro. Aos 47 anos, Athayde assumiu o DMA em maio de 2019 - o posto estava vago.

Ele não tinha trajetória na área. Vinha de uma temporada de quatro anos em Varsóvia, na Polônia, como ministro conselheiro, onde estudou Filosofia.

Discreto, adotou linguagem incisiva para rebater o que o governo considera uma campanha contra si. "O governo atuará no âmbito desse regime de mudança do clima pautado pelo engajamento crítico, por uma ótica estritamente nacional", disse, em audiência no Congresso, no ano passado.

Reservadamente, diplomatas dizem que ele vive uma "situação delicada" de gerir o departamento e depender de um diálogo direto com o ministro Ricardo Salles. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Meu barco é pequeno e grande é o mar

Eu, aos dez anos de idade, cantava esse corinho na Igreja Batista, as primeiras viagens no mundo da música, da fé e da sexualidade, porque o garoto sapeca que fui já andava de olho nas barras das saias das menininhas bonitinhas da escola dominical. E lá se foram meus verdes anos, junto com minha fé e tudo o mais que se perde pela vida afora.

O mar da vida. Esse marzão que a gente tenta heroicamente desconstruir, e ele construindo nosso funeral. Nesse instante, penso no pensamento de Confúcio, aquele chinês que não deixou nenhuma obra escrita, mas é citado com a mesma intensidade com que a turma do Facebook cita Clarice Lispector, a torto e a direito, mais torto do que direito: "Você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quiser." Vai ver, Confúcio jamais navegou e nem tinha conta no Facebook. Esse mestre oriental entra na minha crônica de hoje como Pilatos entrou no credo. Sim, e o que significa essa expressão? O que tem Pilatos com o credo? Confesso que ignoro, mesmo porque o assunto aqui é mar, e o meu não está pra peixe.

É que ando cheio de achaques da meia idade, o barquinho tomando água, o mar encapelado e o farol apagado. Levado para um centro holístico de tratamento da mulher, confesso que fui com forte incômodo no meu lado macho. Lá, passei a ser submetido ao método bioenergético para diagnosticar meus males do corpo e da mente. Fiquei sabendo que minhas vísceras estão mais ou menos sadias, precisando de um reforço geral à base de argila, ervas, massagens e experiências somáticas para derreter uns pepinos orgânicos. Sem descuidar dos procedimentos médicos tradicionais, resolvi seguir o tratamento alternativo, porque "meu barco é pequeno e grande é o mar" dos segredos da Natureza. Não sei se estou preparado para tratar e modificar meus hábitos mentais e emocionais, capitão que sou de uma embarcação fragmentada e linear. Entretanto, para quem está perdido, qualquer vereda é caminho, como já dizia não sei quem. Nesse grande mar da Natureza e suas leis, resolvi conduzir meu barquinho com a humildade dos ignorantes e fugir do estigma dos que em nada acreditam, porque o marinheiro solitário em plena procela tem que ter fé naquele farol tremeluzente no horizonte sombrio. E nesse oceano tempestuoso da pandemia, "durante o nevoeiro é melhor levar o barco devagar", conforme canta Paulinho da Viola.

Voltando aos meus dez anos, lembro bem das manhãs na nossa casinha humilde na rua do Sapo em Timbaúba, onde ouvia diariamente pelo rádio o programa do famoso astrólogo Omar Cardoso e o pensamento positivo com que abria seu programa: "Todos os dias, sob todos os pontos de vista, vou cada vez melhor!" Meus níveis energéticos precisam dessa injeção de ânimo.

Torquato Neto também me socorre com seus versos para dar alguma luz ao barquinho avariado e sem rumo: "E quando eu me vi sozinho/Vi que não entendia nada/nem de porque eu ia indo/nem dos sonhos que eu sonhava

EM TEMPO – Estou lançando meu livro "Poemas malditos em prosa, verso, gesto e grito", reunindo 200 micro poemas para comemorar meio século de jornalismo e poesia. Custa apenas R$ 10 reais. No distante 1970, o autor lançou seu livro artesanal "Lira desvairada" em mimeógrafo. Desde então, vários foram os projetos poéticos compartilhados com o restrito público leitor. Pedidos pelo e-mail mozartpe@gmail.com

Fotos: Marcus Antonius

Patrimônio histórico e a preservação da memória

Cuidar dos bens históricos, artísticos e culturais é garantir legado de conhecimento às gerações posteriores

Dina Melono
dinapereirademelo@gmail.com

Mais do que emoldurar a paisagem urbana ao longo dos séculos, o patrimônio histórico é o testemunho de uma cidade em viva transformação. É o que ficou valorado – histórico, artístico e culturalmente – para a posteridade. Instaurar o novo sem atropelar o antigo é o desafio dos gestores e da população de cidades em crescimento. Desde 1998, elegeu-se 17 de agosto (próxima segunda-feira) o Dia Nacional do Patrimônio Histórico: a data é uma lembrança ao ano em que o historiador e jornalista mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade, fundador e primeiro presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), completaria 100 anos.

O Iphan possui a tutela de mais de 45 mil bens imóveis tombados, inseridos em 86 conjuntos urbanos tombados. Na Paraíba, 21 bens individuais estão protegidos, 11 destes em João Pessoa, como a Casa da Pólvora, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco e a Fonte do Tambiá. Desde 1971, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) atua como uma instância descentralizada em todo o Estado. Entre os bens imóveis que estão sob a sua proteção só na Capital, estão a Estação Ferroviária, o Teatro Santa Roza, a Basílica de Nossa Senhora das Neves, a Bica, o Hotel Globo, a Lagoa do Parque Sólon de Lucena e a casa onde morou João Pessoa – a maioria dos imóveis situada no perímetro entre o Rio Sanhauá e a Praça da Independência (também tombada). Há mais 14 centros históricos protegidos, como em Campina Grande e em Cajazeiras, e três cidades históricas (Areia, Pilar e Mamanguape).

"Atualmente, o Iphaep tem três projetos em foco também, em diferentes estágios: o de Adequação do Palácio da Redenção, para a instalação do Memorial/Museu da Paraíba; o Guardiões do Patrimônio, uma parceria com o Ministério Público Estadual para a formação de jovens em situação de vulnerabilidade (da Ilha do Bispo, Porto do Capim, Renascer I, Distrito Mecânico, Cordão Encarnado, Trincheiras, Varadouro e Centro) como agentes de proteção dos bens culturais do Centro Histórico de João Pessoa; e a Construção da Oficina de Restauro para capacitação profissional", lista Tânia Maria Queiroga Nóbrega, diretora-executiva do instituto, que está organizando uma série de eventos comemorativos ao seu meio século assim que a pandemia acabar.

O prédio do Teatro Santa Roza, no Centro de João Pessoa, integra conjunto do patrimônio histórico paraibano

JP Ontem e Hoje

Um deleite visual é conferir a exposição permanente "João Pessoa Ontem e Hoje" do Acervo Histórico Waldemar Duarte, no Mezanino 2 da Fundação Espaço Cultural (Funesc). São 100 fotos, que mostram o antes e depois de vários pontos da capital quatrocentenária – registros antigos feitos por Gilberto Stuckert comparados aos mesmos ângulos revelados pelo Coletivo Paraibando, do qual faz parte João Pedro Ferreira da Silva, que coordena o setor. "Apesar de a foto mais antiga ser de 1871 e a mais recente, de 1942, é possível identificar traços característicos de cada lugar ainda hoje", diz.

Além da mostra, o acervo é uma coleção ambicionada para a pesquisa: são documentos da época colonial (livro de sesmarias), imperial e republicana, cartas de D. Pedro I, jornais desde 1912 e registros da criação de bairros, instituições e demarcações indígenas compilados em 168 volumes, 23 mil páginas e 1,8 mil imagens.

Educação para preservar

Desde 2016, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desenvolve o projeto de extensão "Memória João Pessoa: informatizando a história do nosso patrimônio" para levar educação patrimonial a alunos do ensino fundamental de escolas públicas e particulares João Pessoa por meio de oficinas. A iniciativa, coordenada pela professora Maria Berthilde Moura, venceu o prêmio Elo Cidadão por duas vezes, concedido aos melhores projetos de extensão.

"Nestas oficinas, propomos um dia especial para as crianças, em que apresentamos o mapa, praças e edificações da Cidade Baixa, usando material lúdico e distribuindo brindes ao final. Por conta da pandemia, este ano o trabalho migrou para o site memoriajoaopessoa.com.br, com galeria de fotos, um breviário sobre o que é patrimônio e os órgãos de proteção, a relação de bens tombados com a sua história, mais brincadeiras e jogos voltados tanto para adultos, quanto crianças", explica o professor Ivan Cavalcanti Filho, vice-coordenador do projeto.

O resultado do abandono por parte dos herdeiros dos imóveis que não preservam é que, além de enfear a cidade e alastrar a degradação, há o risco de desabamentos em áreas que, na teoria, deveriam ser as mais bem cuidadas, pois guardam a memória do seu desenvolvimento. "O valor monetário dessas áreas mais antigas não compensa ao proprietário investir para recuperar o imóvel. O pouco que vemos conservado é ou porque passou por um projeto de requalificação ou porque o dono é consciente", avalia a professora Maria Berthilde.

A Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Histórico do Ministério Público da Paraíba instaura procedimentos de averiguação preliminar e solicita informações cadastrais dos imóveis degradados na prefeitura e ao Iphaep para apurar se se trata de um bem protegido. "Havendo a confirmação, é realizada diligência in loco pelo engenheiro ambiental do Ministério Público. A Promotoria assegura ao proprietário o direito de defesa e a própria regularização da situação do bem junto ao Iphaep, somente ingressando com ação civil pública em caso de persistir a irregularidade", explica o promotor de Justiça Carlos Romero Lauria Paulo Neto. Assim, além da obrigação de recuperar, o dono fica sujeito a pagar indenização por danos morais coletivos.

Moura Filha lamenta as pouquíssimas ações em curso de valorização patrimonial – e acha que os órgãos de proteção operam em condições mínimas. "As pessoas vão para Paris admirar o antigo e chamam as coisas daqui de velhas. Os brasileiros não estão acostumados a estudar sobre a sua história – o que leva a achar que o moderno é sempre melhor. A arquitetura não é peça de museu, não é para viver dentro de uma redoma, é para ter um uso", arrebata.

Casario localizado na parte mais antiga da capital, do Centro ao Varadouro, revela costumes, valores e histórias de famílias que habitaram no local

Na capital, a maioria dos prédios tombados pelo Patrimônio Histórico fica no perímetro entre o Rio Sanhauá e a Praça da Independência, também tombada

Centro Histórico guarda a memória da cidade e dos seus habitantes

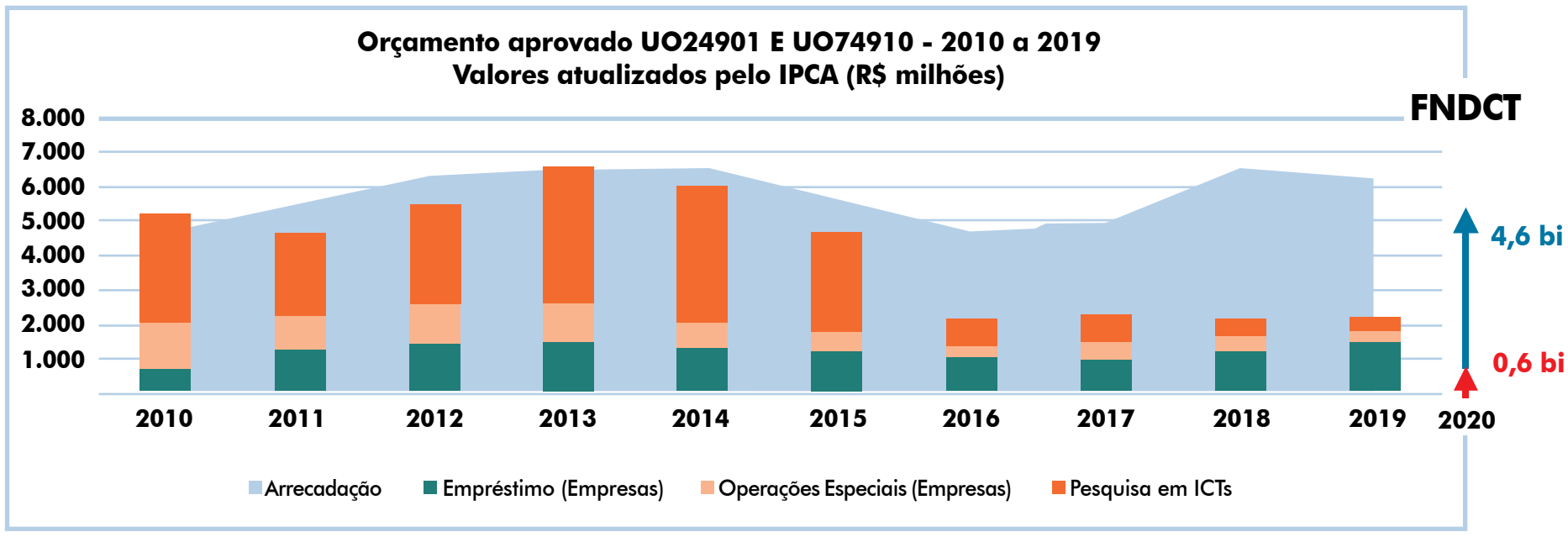
Comunicado de Falecimento de Pessoa não identificada/não reclamada

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um cadáver NÃO RECLAMADO. Identificado como sendo da MARLUCE DA COSTA GOMES, do sexo, feminino, com idade aproximada de 50 anos. Cor parda, cabelos encaracolados; estatura 145cm, constituição física boa, sem sinais particulares, morador de rua: Falecido em 12/03/2020, no Complexo Hospitalar de Mangabeira. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sitio à Rua Antônio Teotônio S/N. Bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa PB.

Comunidade ciência se une para garantir investimentos

Após mobilização de associações, Senado aprovou projeto que impede contingenciamento de recursos do FNDCT

Márcia Dementshuk
Especial para A União



A história da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil registra uma conquista importante nesta semana. O Senado Federal aprovou na última quinta-feira (13) o Projeto de Lei Complementar 135/2020 que veda o contingenciamento dos recursos do Fundo Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e o transforma em fundo de natureza contábil e financeira. Esta é a principal fonte de financiamento para o desenvolvimento de pesquisas científicas e projetos de inovação no país, mas vinha sofrendo com esvaziamento dos recursos, direcionados - legalmente, até então - para outras finalidades. Com a aprovação do PLP 135/2020 essa manobra estará proibida. Dinheiro do FNDCT será para a Ciência. Contudo, há emendas aprovadas que deixam em alerta representantes de entidades científicas. O projeto ainda deverá passar pela Câmara dos Deputados.

Associações científicas e acadêmicas intensificaram nas últimas semanas a mobilização para a votação do Projeto de Lei Complementar 135/2020 junto aos senadores. Foi um corpo-a-corpo para explicar a relevância da aprovação. Havia motivos de sobra: em 2020 a previsão de recursos do FNDCT é de R$ 6,5 bilhões sendo que R$ 1,6 bilhão se destina a empréstimos e créditos. Sobrariam R$ 4,9 bilhões para investimentos em Ciência, Tecnologia e Inovação, mas está prevista a liberação de apenas R$ 600 milhões: apenas 12%. Os 88% restantes estão contingenciados.

Um exemplo recente dá uma ideia da busca por investimentos em CT&I no Brasil. Com a pandemia, o CNPq publicou edital para pesquisas em covid-19 e recebeu 2 mil propostas, uma demanda qualificada de R$ 600 milhões. Somente 300 propostas serão financiadas, precariamente, com apenas R$ 50 milhões.

As entidades da comunidade científica e tecnológica debateram exaustivamente o texto inicial da PLP 135/2020, iniciativa do senador Izalci Lucas (PSDB-MG), e as emendas recebidas ao longo da tramitação. Se, por um lado, o projeto se apresenta favorável à ciência, por outro, deixa a comunidade científica em alerta.

A Emenda 6, acatada pelo Relator senador Otto Alencar (PSD-BA) amarra em até 50% os recursos para serem obrigatoriamente empregados a projetos de desenvolvimento tecnológico de empresas, sob a forma de empréstimo à Financiadora de Estudos e Projetos - Finep. E a Emenda 10 destina um teto de 25% do FNDCT para "programas desenvolvidos por organizações sociais que mantenham contrato de gestão com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e que promovam e incentivem a realização de projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação".

Por meio de documentos enviados aos senadores e até por contatos pessoais, as entidades científicas deixaram claro que consideram ideal os tetos de 25% para crédito às empresas e 10% destinados às OSs; pois, com 75% comprometidos, como as emendas propõem, sobram 25% de recursos para a pesquisa ampla. "As OSs já são captadoras de recursos do FNDCT e a natureza delas permite executar projetos de P&D, sendo beneficiadas pelos Programas e Ações elaborados e coordenados pelo MCTI", registra a carta do movimento Iniciativa para Ciência e Tecnologia no Parlamento (ICTP.br) aos Congressistas.

De acordo com a Vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Fernanda Sobral, a entidade ficou satisfeita com o resultado da votação, mas: "com a aprovação de até 50% para operações de crédito e 25 % para as organizações sociais, diminuem os recursos para as Instituições de Ciência e Tecnologia e universidades, reduzindo também seu impacto na consolidação da infraestrutura de C&T. Continuaremos atentos".

O Presidente do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap), Fábio Guedes, afirmou que "esse foi o melhor resultado alcançado para o momento, o contexto atual. Nos fortalece enquanto sistema de fomento à CT&I nacional, incluindo as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa. Caberá ao Conselho Gestor da Finep a decisão da aplicação dos recursos nessa direção.

Aprovação do PLP 135 irá liberar imediatamente verbas para o setor

O contingenciamento é aplicado todos os anos pelo Governo Federal para garantir o cumprimento da meta fiscal do ano (déficit ou superávit primário). O ex-ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, explica de forma mais direta: "é usado para pagar encargos, juros e amortização da dívida pública, que é o maior item do orçamento federal. Em 2019, 40% do orçamento federal foi usado para o pagamento de juros e encargos da dívida. Essa política sacrifica todos os setores, menos o sistema financeiro."

"O Brasil não é um país pobre - continua Rezende. É um país que usa mal o seu recurso. Essa dívida tem esse valor porque é extorsiva; durante muito tempo a taxa Selic era muito alta e é a taxa Selic que remunera quem tem letras de câmbio do Tesouro Nacional. Chegou a ser a maior do mundo. O sistema financeiro coibia o governo com ameaças de não comprar títulos se os juros (a taxa Selic) não fossem altos. Isso é prática de agiotagem feita pelo sistema financeiro com o governo brasileiro durante muitos anos. É urgente que o Brasil faça uma auditoria dessa dívida para avaliar quanto realmente foi emprestado ao país e quanto já foi pago. O Brasil está sendo extorquido pelo sistema financeiro."

Países mais tecnologicamente avançados e que contabilizam PIB per capita mais altos investem em torno de 3% do PIB em Pesquisa e Desenvolvimento. Em Israel o valor chega a 4,5% do PIB; na Coréia do Sul, 4%; na Alemanha, 3,5%; China, 3% e Estados Unidos, 2,5%. Com a mudança na Lei que rege o FNDCT, o Brasil chegará a 1% do PIB.

Com o PLP 135/2020 definitivamente aprovado e sancionado, os recursos vinculados ao FNDCT serão totalmente descontingenciados e integralmente disponibilizados ao fundo para execução orçamentária e financeira após a entrada em vigor.

Foto: Divulgação

Com a pandemia, o CNPq publicou edital para pesquisas em covid-19 e recebeu 2 mil propostas, uma demanda qualificada de R$ 600 milhões

Fundo é termômetro do apoio do governo federal à ciência e tecnologia

O fundo nasceu em 1969, começou a ter recursos em 1971 e passa por altos e baixos. Quando há uma gestão pública que apoia a ciência os recursos aumentam, quando há um governo que nega a ciência, cai. Ele é o termômetro do apoio do governo à ciência.

Há quase 50 anos ele é o mais importante fundo federal de apoio para a Ciência e Tecnologia. Grande parte dos equipamentos de laboratórios das universidades, formação científica, projetos em instituições de ensino e pesquisa, desenvolvimento, ambientes de inovação, são financiados pelo FNDCT.

O texto do PLP 135/2020 transforma o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) em "um fundo especial de natureza contábil e financeira, sendo preservado o seu objetivo original, qual seja, financiar a inovação e o desenvolvimento científico e tecnológico com vistas a promover o desenvolvimento econômico e social do país", como analisa o Relator do PLP 135/2020, senador Otto Alencar (PSD-BA).

Como fundo financeiro, os saldos de um exercício serão transferidos para o ano seguinte. Até então, era preciso executar todo o orçamento, ou os valores teriam que ser devolvidos ao Caixa do Tesouro Nacional.

Entretanto, com a característica de ser um fundo financeiro, o FNDCT poderia ser condicionado às regras que gerem o sistema. O que impediria, por exemplo, o fomento subvencionado executado por meio da Finep.

Sérgio Rezende, que foi presidente da Finep durante dois anos e meio, ressalta que a Finep tem um atributo singular. "Não há no mundo uma instituição como a Finep, que possa, ao mesmo tempo, emprestar recursos para empresas fazerem inovação e 'doar', digamos assim, recursos para instituições de pesquisa para fazerem pesquisa, chamamos de financiamentos não -reembolsáveis."

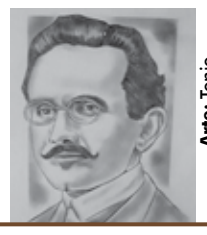
Não se pode abrir mão dessa característica porque é assim que a ciência é financiada; o desenvolvimento científico tem um risco muito alto. Um resultado, uma solução, pode consumir anos de pesquisa para ser alcançado mas, quando obtido, oferece benefícios impagáveis à sociedade - como foi o antigo caso emblemático da penicilina.

Atento às ressalvas da comunidade científica, o Relator Otto Alencar acrescentou um parágrafo ao texto do PLP 135.

O projeto que representa um avanço na política pública de Ciência, Tecnologia e Inovação teve aprovação unânime na orientação de todos os partidos que compõem o Senado Federal. E na votação individual dos senadores, a lista do "SIM" é interrompida com apenas um "NÃO", proferido pelo senador Flávio Bolsonaro.

Otacílio Camelo

O jornalista paribano também exerceu a carreira de médico, escritor, dramaturgo e poeta, atuando na imprensa opinativa do início do século 20. Página 18



Arte: Tonio

"O Brasil continua sendo um país racista"

Conhecido como o bispo da causa negra, Dom José Maria Pires foi, acima de tudo, símbolo da luta pelos direitos humanos

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

"O negro sempre foi discriminado e ainda continua sendo. Você vê que o negro tem que lutar muito para ocupar algum lugar na sociedade, e as estatísticas mostram que mesmo lutando e tendo competência, a média salarial do negro é inferior à do branco. O Brasil continua sendo um país racista". As palavras foram escritas por Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba e primeiro bispo negro do Brasil em um depoimento sobre o Centro de Defesa dos Direitos Humanos na Paraíba, em algum momento entre 2005 e 2006.

A frase é de quem sentiu na pele a punhalada do preconceito, mas nem por isso deixou de exercer seu papel de cristão. São palavras de quem se manteve firme na luta em prol dos mais carentes e dos que, assim como ele, sofreram discriminação racial. Pela sua batalha contra a intolerância, o religioso ficou conhecido como o bispo da causa negra.

Dom José Maria Pires foi o primeiro arcebispo negro no Brasil e, por sua posição, era visto de forma diferenciada. Certa vez, um padre amigo, ao apresentá-lo a uma fazendeira idosa, disse: "Dona Fulana, a senhora está vendo pela primeira vez um bispo negro". E Dom José contou, em depoimento: "Ela olhou para mim meio desconfiada, olhou para o padre, depois olhou para mim, olhou para ele de novo e disse: 'Ô padre, ele pode ter sido negro, hoje não é mais'. Porque eu era bispo, não era negro".

Nenhuma situação o desanimava, e ele sempre dizia. "Não se forma time de negros e a sua presença na vida pública, nas universidades, na política é exceção. Num país que tem um grande contingente de negros, a presença negra na vida política é quase irrelevante. Em nossos tribunais, quantos são ao todo? Em quantos há magistrados negros na composição de nossas cortes de Justiça?".

Enquanto seminarista, ganhou apelidos de dois colegas bem chegados: "Dom Pelé", de Dom José Vicente Távora; e "Dom Zumbi", de Dom Pedro Casaldáliga, recentemente falecido. Mas, nem sempre as posturas eram de ternura. Afinal, em algumas ocasiões, ele também sofreu preconceitos de outras pessoas pelo simples fato de ser negro. Embora não tenha assinado o Pacto das Catacumbas, Dom José seguiu fielmente o pacto de simplicidade proposto por ele. Em 2019, teria completado 100 anos se estivesse vivo. O Pacto das Catatumbas ocorreu há mais de 50 anos, no segundo Concílio do Vaticano (1962-1965), ainda durante o papado de João XXIII. Depois do evento quase concluído, já tendo à frente outro papa (Paulo VI), cerca de 40 bispos participaram de uma missa nas catatumbas de Santa Domitila e assinaram um documento que propunha uma igreja servidora e pobre.

Inesquecível

Sobre a importância de Dom José Maria Pires, o atual arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson, ressaltou que uma de suas heranças foi o valor que o arcebispo emérito dava à dignidade humana. "As ações e palavras de Dom José ecoam até hoje na Igreja. Durante tempos difíceis, ele soube agir com coragem, mas sempre mantendo a paz e o amor de Cristo em suas palavras e ações, pois o que importava para Dom José era o ser humano, a dignidade humana", afirmou.

Para Dom Delson, a memória de Dom José ficará para sempre no coração dos fiéis. "A Igreja da Paraíba nunca esquecerá Dom José. Ele está vivo nos nossos corações e em tudo que construiu aqui. Serviu e seguiu o que o Cristo sempre falou: amarás teu próximo como a ti mesmo", citou.

Dom José Maria Pires nasceu em 15 de março de 1919, em Córregos (Minas Gerais). Em 1966, foi ordenado arcebispo da Paraíba, função que abraçou até 1995, quando renunciou, aos 67 anos de idade. O religioso faleceu em 27 de agosto de 2017, com 98 anos.

Foto: Arquivo do Jornal A União

Dom José foi o primeiro bispo negro do país e optou por seguir fielmente o pacto de simplicidade que abraçou, abdicando de luxos e privilégios

Difíceis anos de chumbo

Quem acompanhou o arcebispo sabia de todas as suas qualidades. O advogado Sampaio Geraldo Lopes Ribeiro, diretor da 1ª Vara do Trabalho de João Pessoa, teve esse privilégio. Em seu relato para um livro escrito por Ana Maria Polman, ele ressaltou a posição firme de Dom José contra a violação de direitos humanos.

No início da década de 40, ainda muito jovem, o religioso enfrentou as primeiras batalhas. "Um chefe político poderoso, problemas com a sua cor e a tomada de posição em favor de pequenos agricultores, tratados como escravos", registrou Sampaio. Muitas vezes, à noite, era chamado para ir à cadeia pública libertar algum cidadão que havia sido preso por perseguição política e ordens particulares.

"Pessoa simples, de sorriso largo e constante, adepto da não-violência, jamais perdeu a tranquilidade e a segurança necessárias, mesmo quando enfrentou o regime militar durante os anos de chumbo da ditadura implantada neste país, posicionando-se sempre contra a violência e a tortura. Não se abalou diante de nenhuma ameaça, mantendo-se firme na defesa segura da causa dos pobres, dos excluídos", testemunhou o advogado. Sampaio organizou o livro 'Dom José Maria Pires - Uma Voz Fiel à Mudança Social' com vários pronunciamentos dele. "Que saudade sinto desse grande amigo, do sorriso largo", completou.

Dom José Maria Pires atuou na defesa dos direitos humanos, principalmente, defendendo as pessoas perseguidas pelo regime militar. Foi responsável pela criação do Centro de Defesa dos Direitos Humanos na Paraíba e ganhou destaque nessa luta ao lado de Dom Hélder Câmara e Dom Luciano Mendes de Almeida. "Para nós, a defesa dos direitos humanos tinha um endereço certo: era a defesa do direito do pobre. Porque o rico não tinha necessidade de um centro de defesa de direitos humanos", disse o arcebispo em declaração sobre a criação do Centro.

Em 2012, Dom José recebeu a Comenda de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. A homenagem é feita às pessoas que se destacam na luta em defesa dos direitos humanos no Brasil, e a entrega foi no Plenário do Senado Federal, em Brasília (DF).

Foto: Arquivo do Jornal A União

O Jornal A União dedicou duas páginas de sua edição de 29 de agosto de 2017 para registrar a morte e o adeus dos paraibanos ao arcebispo, que faleceu aos 98 anos de idade

VOCÊ SABIA?

■ A Missa dos Quilombos, em 1981, foi proibida pelo Vaticano e censurada pelo governo militar, de acordo com a professora da UFPB Iranice Muniz. Segundo ela, Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, juntamente com Dom José Maria Pires, convidou Milton Nascimento para musicar a liturgia, com texto de Dom Pedro Casadáliga. A celebração aconteceu em frente à Igreja do Carmo, no Recife (PE), mesmo lugar onde foi exposta a cabeça de Zumbi no final do século 17. Proposta por Dom Hélder Câmara e Dom José Maria Pires, a missa se transformou em um ato político que denunciou a situação do povo negro brasileiro.

Sacerdote do povo

Ambientalista e membro do Movimento Negro da Paraíba, a professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paula Frassinete Lins Duarte, relatou que também conviveu durante muito tempo com o arcebispo. "Era o bispo do povo. Foi um homem que se entregou totalmente à missão de sacerdote brasileiro e, nesta entrega, trouxe um elemento muito importante para a sociedade brasileira que era sua cor", comentou.

Dom José não gostava que o chamassem de Dom Pelé. "Ele queria ser Dom Zumbi, porque se identificava com a resistência de Zumbi e do povo negro", afirmou. "Com um sermão muito forte, não tinha medo de fazer todas as assertivas, mostrando como as diferenças eram condenadas por Deus, que nós éramos um só. Era o nosso herói e, por isso, com certeza sofreu perseguição. Ele fazia o antagonismo e tinha coragem de dizer as coisas que ninguém tinha", completou.

A voz dos excluídos

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Paraíba (CDDH), criado em 1975 pelo arcebispo emérito, é um organismo da Arquidiocese com as funções de fortalecer e defender as "lutas" e reivindicações dos excluídos socialmente, em especial dos camponeses, e defender as pessoas mais perseguidas no regime militar. A informação é de Iranice Gonçalves Muniz, membro da Comissão da Verdade e professora do Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

"Isso representava – e ainda representa – um importante instrumento de resistência e defesa dos direitos humanos na Paraíba e no Brasil, porque o CDDH se articulava com outras entidades de resistência que estavam surgindo no país naquela época, e os grupos de apoio internacionais", comentou a professora. Hoje, como Fundação Margarida Maria Alves, ainda é um lugar importante da preservação da memória e também da resistência nas lutas atuais.

Iranice Gonçalves Muniz contou ainda que Dom José veio para a Paraíba em 1965 e, na década de 70, criou a equipe de promoção humana. Jovens de lugares e nacionalidades diferentes se reuniram para trabalhar junto aos camponeses paraibanos, principalmente, em áreas de conflitos agrários como Camucim, Mucatu e Alagamar. Este último era monitorado pelo Serviço Nacional de Informação (SNI), que considerava como um movimento "comunista" liderado pela Igreja Católica.

Foto: Arquivo do Jornal A União

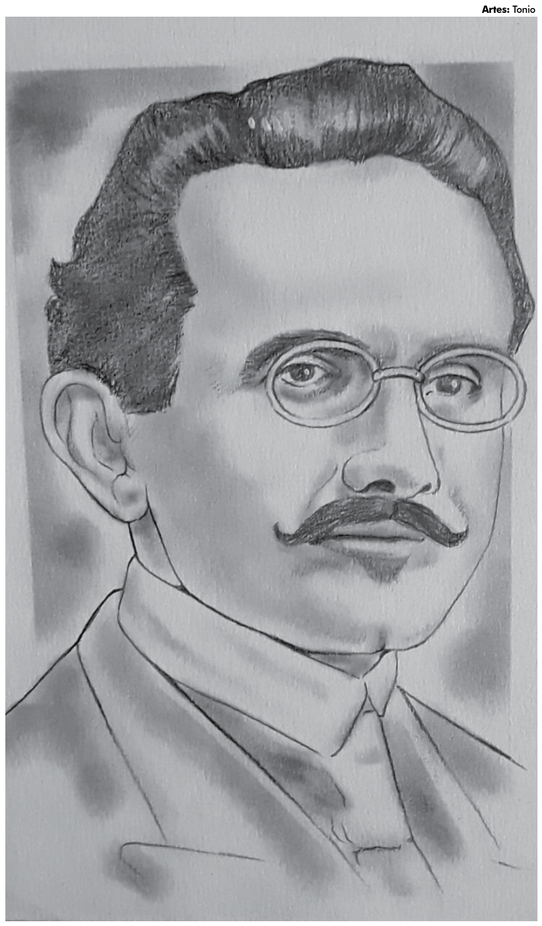
O sacerdote apoiou camponeses pobres em áreas de conflito agrário e seu trabalho foi "vigiado" pela ditadura

Quem foi?

Otacílio Camilo

O jornalismo opinativo no início do século 20

Artes: Tonio



Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Neto do jornalista, escritor e revolucionário Antônio Borges da Fonseca, Otacílio Camelo de Albuquerque, além de professor em diversas matérias, também foi médico, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo e ator de teatro. Nasceu em Areia, no Brejo paraibano, a 158 km da Capital paraibana, em 21 de fevereiro de 1874. Morreu no Rio de Janeiro em 27 de dezembro de 1954, aos 80 anos de idade. Era filho de João Aureliano Carneiro de Albuquerque e Mariana Borges da Fonseca e sobrinho do educador, escritor e jornalista Francisco Xavier Júnior, autor do livro 'Lições de Língua Materna', lançado em 1906.

O 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX', organizado pela doutora em Literatura e professora da UFPB Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, registra um pouco da passagem de Otacílio Camelo pela imprensa e por outras áreas. De acordo com essa pesquisa acadêmica, o jornalista começou a atuar na imprensa já aos 18 anos de idade, ao assumir o cargo de diretor e redator do jornal local A Verdade.

Quando Otacílio rompeu o vínculo político com Epitácio Pessoa, ele começou a utilizar, estrategicamente, a seção satírica de O Jornal, dirigido por ele e pelo amigo Rodrigues de Carvalho. Era por meio das páginas do periódico que atacava os desafetos políticos. Para isso, utilizava seu pseudônimo predileto: Biête do Macaco.

> Era por meio das páginas do periódico que atacava os desafetos políticos. Para isso, utilizava seu pseudônimo predileto: Biête do Macaco

De acordo com o livro de Fátima Pacífico, ele também utilizou linguagem forte para fins políticos no jornal Correio da Manhã, tendo como alvo o ex-ministro José Américo de Almeida. Este jornal pertencia a Ruy Carneiro, adversário político do autor de 'A Bagaceira'.

Ainda segundo o 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX', a atuação mais constante de Otacílio na imprensa local aconteceu em 1926, por meio de artigos publicados em O Jornal. Nesse veículo, ele foi redator-chefe daquele ano até 1927. Depois desse período, nos dois anos seguintes, ele passou a escrever para a imprensa da capital pernambucana, mais precisamente nos jornais Diário da Manhã e Jornal do Recife.

Além dessas atuações na imprensa, descritas pela pesquisadora, a reportagem também apurou que, durante sua atuação no jornalismo, Otacílio Camelo foi, ainda, redator dos jornais **A União**, Libertador, O Norte e Diário do Povo da Paraíba, todos localizados em terras paraibanas. Colaborou também com o periódico local Anais do Grêmio dos Hospitais.

Seu hábito pela leitura o levou ainda a ser um dos assinantes pioneiros do jornal A Folha (RJ), do seu amigo Assis Chateaubriand. Na época, os jornais eram transportados por vapores, entre o Rio e outras capitais do Brasil que levavam o mínimo de 30 dias para entregar os exemplares de assinantes. Além do gosto pelo jornalismo, Otacílio também tinha interesse pela nossa memória e história, chegando a ser sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

Docência e poesia

Otacílio iniciou sua carreira docente no colégio do tio Xavier Junior, aos 17 anos de idade, segundo aponta o 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX'. Inicialmente, foi professor em Areia, depois no Colégio Paraibano, na capital paraibana. Isso teria sido antes de concluir os cursos preparatórios do Liceu Paraibano.

Sob sua direção, instalou um colégio de instrução primária e secundária em Areia, no dia 9 de janeiro de 1892. O anúncio foi publicado no jornal A Verdade, com destaque especial. Pode-se afirmar que ele era, do ponto de vista profissional, um homem polivalente, que, simultaneamente, dominava, ensinava e assimilava um razoável número de atividades, em áreas diferenciadas.

No Liceu paraibano, ele ensinou Álgebra. Também lecionou as cadeiras de História Natural, Física Química e Higiene na Escola Normal. Seu prestígio e consideração entre os alunos desses educandários durou mais de 30 anos.

Otacílio Camelo também exerceu sua verve de poeta. Nessas ocasiões, costumava premiar os inimigos com seus sonetos corretos. Até o fim da vida, gostava de ler, preferencialmente, os romances de Eça de Queiroz.

Medicina e teatro

De espírito irrequieto, em uma difícil viagem de navio, seguiu, em 1893, para o Rio de Janeiro, onde foi cursar medicina. Resolveu seguir para o Sudeste por entender que estudar e trabalhar numa cidade grande – na época a capital do Brasil – seria uma forma inteligente de conciliar estudo e trabalho.

Para facilitar a estratégia de seus planos, tudo foi pensado com exatidão, embora o dinheiro da passagem tenha sido coletado entre os parentes pobres. Começou a trabalhar no Rio como professor do Colégio Abílio, que também lhe fornecia casa, comida e um minguado ordenado, que mal cobria as passagens de bonde.

Nas horas vagas, tentando aumentar seus ganhos, escrevia peças de teatro. Simultaneamente, ensinava em colégios particulares e estudava Medicina. As peças teatrais que escreveu em Areia e no Rio foram encenadas, com sucesso, na Capital Federal.

Pioneirismo na defesa do voto secreto

O 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX' registra que diversos biógrafos opinam, em uníssono, que Otacílio Camelo de Albuquerque foi o pioneiro na ideia da implantação do voto secreto no sistema eleitoral brasileiro. Esta intenção, que mais tarde se realizou, foi por ele divulgada na Câmara Federal e na imprensa carioca e paraibana.

Sua entrada na política acontece após se formar em medicina. Seus biógrafos contam que no ano de 1897 obteve seu grande trunfo: voltou ainda estudante de medicina para casar em Areia com Zulmira Ribeiro dos Santos Coelho. Depois, retorna ao Rio.

Uma vez formado e com o diploma na mala, volta mais uma vez à cidade natal, onde é reverenciado com uma festa e com direito até a foguetórios. Estrategicamente, é escolhido por Álvaro Machado, então governador da Paraíba, prefeito de Areia no período de 1904 a 1908. Sua escolha se deveu ao fato de não pertencer aos clãs políticos dos Cunha Lima ou Simeão Leal, então em luta aberta pela liderança política da área. Em 1913, Otacílio manda arrancar a placa de médico de sua porta, se afastando da medicina. O 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX' registra ainda que isso aconteceu quando ele foi eleito deputado federal. Logo depois, elegeu-se deputado estadual.

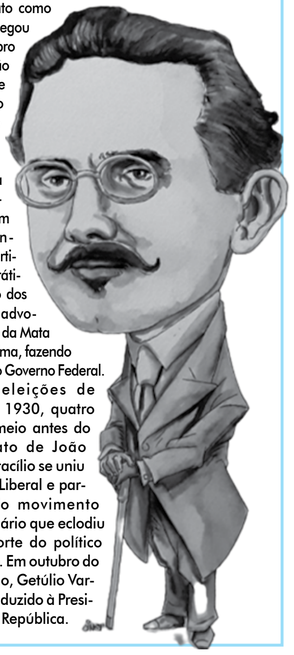
Prefeito de Areia e da Capital

Depois dessas fases entusiásticas de arrojo político e patriótico, Otacílio foi prefeito de Areia entre 1904 e 1908. Exerceu o mesmo cargo em João Pessoa, no período de 1909 a 1912. No cumprimento de seu mandato de deputado estadual, foi líder do governo de João Pereira de Castro Pinto (1912-1915) e presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba. Com apoio de Epitácio Pessoa, com quem romperia politicamente mais tarde, elegeu-se deputado federal, em 1915. Depois, rompeu com o Monsenhor Valfredo Leal, pondo acirrada disputa política entre as facções políticas que ambos lideravam.

De volta ao Congresso

Em 1918, Otacílio é reeleito deputado federal. No ano de 1921, ele renova o mandato e ocupa uma cadeira na Câmara dos Deputados, que se prolonga até 1923. Neste mesmo período, renuncia ao cargo por se eleger senador, na vaga deixada por Pedro da Cunha Pedrosa, nomeado ministro do Tribunal de Contas da União.

Otacílio Camelo encerrou o período legislativo em 1923. Mesmo assim, nesse curto espaço de tempo de seu mandato como senador chegou a ser membro da Comissão de Saúde Pública do Senado. Ele só volta a atuar com denodo na política paraibana em 1928, fundando o Partido Democrático, ao lado dos brilhantes advogados João da Mata e Correia Lima, fazendo oposição ao Governo Federal.



Nas eleições de março de 1930, quatro meses e meio antes do assassinato de João Pessoa, Otacílio se uniu à Aliança Liberal e participou do movimento revolucionário que eclodiu com a morte do político paraibano. Em outubro do mesmo ano, Getúlio Vargas foi conduzido à Presidência da República.

SAIBA MAIS...

■ De acordo com informações do 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX', Otacílio Camelo de Albuquerque era neto, pelo lado materno, do jornalista, guerrilheiro, revolucionário e proprietário de jornais Antônio Borges da Fonseca, líder da Revolução Praieira de 1848, que eclodiu na Paraíba e em Pernambuco, para contestar o absolutismo imperial. Herdeiro deste sangue histórico e rebelde, Otacílio era simpatizante da causa abolicionista, sem medo de lutar pela causa republicana na Paraíba.

■ No final da vida, viúvo, morou temporariamente no Paraíba Hotel, fazendo viagens esporádicas entre a Paraíba e o Rio para visitar os filhos. Otacílio morreu no bairro de Copacabana (RJ), onde foi morar com uma filha, se tornando leitor assíduo de O Globo e do Diário de Notícias. Nesta cidade, escreveu um livro de caráter medicinal, intitulado "Impaludismo no Rio de Janeiro".

■ Ruy Carneiro, de quem Otacílio se tornou correligionário após romper com José Américo de Almeida, deu-lhe o nome de um grupo escolar, na Capital Paraibana, ao assumir como interventor do Estado, na década de 1940.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Machismo nas ondas do rádio

Assisti há poucos dias a uma cena que me deixou entre perplexa e revoltada. Em um programa de rádio local, a jornalista Edilane Ferreira foi interrompida, de modo totalmente grosseiro, por um colega de trabalho. Vi a cena em um vídeo que circulou pelo WhatsApp. Aos gritos, o radialista se mostrava indignado com a notícia que Edilane lia, ao vivo, na rádio. O conteúdo da nota jornalística não interessa agora. Tratava de política, mas poderia ser da editoria de cultura ou de esportes. Não vem ao caso.

O que interessa aqui, na verdade, é a reprodução de comportamentos inadequados em relação às mulheres. Pior: é um comunicador, que tem um microfone ao seu dispor, repetindo atitudes preconceituosas. Se a ideia era inflar a audiência (literalmente aos gritos), querendo criar uma suposta polêmica, pode até ser que tenha obtido algum sucesso. A minha audiência, no entanto, esqueça! Essa, o referido profissional não terá mais. Por que não cito o nome do comunicador? Porque não gosto de dar palanque a sexistas. Simples assim.

Sim, é bom que fique bem claro! Estamos falando de machismo. Duvido muito que o tratamento, ou melhor, o circo armado para constranger a colega teria sua lona erguida caso a nota, que tanto revoltou o radialista, estivesse sendo lida por um homem. É óbvio que não! Já vimos cenas desse tipo em diferentes locais, e o tratamento dado às mulheres é sempre diferente. O tom de voz fica mais alto, e a figura faz questão de mostrar, por meio de seus atos e resmungos, que tem um pênis entre as pernas.

Existe um termo em inglês que explica a atitude, nada nobre, do radialista: manterrupting. Ocorre quando homens interrompem falas de mulheres. Acontece muito por aí e a toda hora. Em reuniões de pauta nas redações, em apresentações de programas ao vivo, seja na TV, seja no rádio, em transmissões de lives no Instagram. Mas não se trata de uma praga somente do meio jornalístico. Que nada! Há tempos tentam calar as mulheres e em todas áreas: dos bares aos ambientes acadêmicos.

Em geral, a prática do manterrupting anda lado a lado com outro tipo de comportamento muito frequente: mansplaining. De acordo com o site do Instituto AzMina (de onde também colhi o conceito de manterrupting), a conduta chamada mansplaining "acontece quando um homem explica coisas óbvias à mulher, muitas vezes com um tom paternalista, como se ela não fosse intelectualmente capaz de entender algo". Sim, acredite, isso ocorre muito. E até gera cenas grotescas, como um homem querendo explicar a uma mulher detalhes sobre a menstruação. Dela!

Voltando ao caso sexista das ondas do rádio, eu fico só imaginando uma cena fictícia. E se o circo, na verdade, tivesse sido armado por Edilane. E se fosse ela quem começasse a questionar, aos gritos, a nota que um colega estava lendo durante um programa? No mínimo, seria chamada ao vivo de "louca" e "desequilibrada". Ou perguntariam se ela estava de TPM... Não é isso que fazem?

Em tempo: pesquisa realizada pela Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), em 2012, mostra que as mulheres representam 64% dos jornalistas no Brasil. Mais: do total de jornalistas pesquisados, apenas 5% se identificaram como da raça preta. Por que trago essa estatística aqui? Edilane é mulher. Edilane é negra (preta). A luta é mais árdua!

Nós, mulheres, somos maioria no jornalismo, mas somos "minoria" na sociedade. Ainda enfrentamos muitas batalhas diariamente. A todo custo querem reduzir nosso espaço e calar nossas vozes. Não conseguirão. Quanto ao colega radialista, deixo apenas um recadinho: sem empatia, educação e profissionalismo, ter um pênis para chamar de seu vale de nada! Melhore!

Dom Cardoso

escritoriocardoso@gmail.com

Carmen Miranda - A brasileira mais famosa do século 20

MARIA DO CARMO MIRANDA DA CUNHA, artisticamente conhecida como Carmen Miranda, foi uma cantora e atriz brasileira, de nacionalidade portuguesa, nasceu em Marco de Canaveses, no Distrito de Porto, Portugal, no dia 9 de fevereiro de 1909. Filha do barbeiro José Maria Pinto Cunha e de Maria Emília Miranda, em 1910, com apenas dez meses de idade, junto com sua mãe e sua irmã Olinda, veio para o Brasil, onde seu pai já morava.

Carmen Miranda foi criada no Rio de Janeiro, no bairro da Lapa, estudou em colégio de freiras e aos 15 anos Largou os estudos e começou a trabalhar na La Femme Chic, uma confecção de chapéus, localizada no centro do Rio de Janeiro, onde estudou moda e aprendeu a costurar, pegando o gosto pelos turbantes, que viraram sua marca registrada.

Sonhando em ser atriz e cantora, nas horas vagas, cantava e dançava para animar pequenas festas. Em 1929, foi apresentada ao compositor Josué de Barros que logo a levou para se apresentar em teatros e clubes. Estreou como cantora na Rádio Sociedade. Gravou seu primeiro disco com as músicas "Triste jandaia" e "Iaiá, Ioiô".

Seu grande sucesso veio com a marcha-canção "pra você gostar de mim" (1930), que ficou conhecida por "Taí", escrita especialmente para ela pelo famoso compositor e médico Joubert de Carvalho. A canção foi um sucesso e o disco vendeu 35 mil cópias no ano de lançamento, se consagrando como recorde de vendas para a época. Carmen Miranda era então aclamada pela crítica como "a maior cantora do Brasil.

No dia 30 de outubro do mesmo ano, Carmen Miranda já estava fazendo sua primeira turnê internacional em Buenos Aires, na Argentina. Em 1933, foi a primeira mulher a assinar um contrato com uma rádio. Entre 1933 e 1938, retornou à Argentina mais oito vezes. Carmen lançou outros discos e se transformou na principal estrela do Cassino da Urca no Rio de Janeiro. As apresentações no cassino funcionavam como passaporte para o ingresso no mundo do cinema.

Com o crescente sucesso na indústria fonográfica, lhe garantiu um lugar nos primeiros filmes sonoros lançados nos anos 1930. Carmen Miranda participou de cinco musicais carnavalescos lançados nesse período como "Alô, alô Brasil" (1935) e "Alô, alô carnaval" (1936). Em 1939, ela apareceu pela primeira vez caracterizada de baiana, personagem que a lançou internacionalmente, no filme "Banana da terra", dirigido por Ruy Costa. O musical apresentava clássicos como "O que é que a baiana tem?", que lançou Dorival Caymmi no cinema.

Dos 21 anos aos 29 anos, entre 1930 a 1939, Carmen Miranda foi a maior estrela do disco, do rádio, do cinema, dos palcos e dos cassinos brasileiros e americanos. Recordistas em gravações, vendas, cachês, salários e, principalmente, em amor. Era adorada pelo público, respeitada pelos colegas, disputada pelos veículos de impressa, desejada pelos homens. Até, então, nenhuma outra mulher fora tão famosa na história do Brasil. Com a pequena notável o samba se tornou a língua falada do país, e o carnaval, o golpe mortal naquela história do brasileiro ser produto de "três raças tristes". Se era, deixou de ser assim que Carmen descobriu a alegria brasileira. Aos 30 anos recém feitos, em 1939, rica, bonita e independente, Carmen se quisesse, poderia ter se aposentado e escolhido um marido e se recolhido a um palacete na Urca.

Em 1939, Lee Shubert, empresário e produtor teatral norte americano, presidente da Shubert Theatrical Enterprises (atual The Shubert Organization) que administra metade dos negócios da Broadway, ofereceu a Carmen Miranda um contrato de oito semanas para se apresentar em "The streets of Paris", depois de vê-la no Cassino da Urca, no Rio de Janeiro. Convidada, Carmen resolveu ir para a meca do show business americano.

Disposta a trilhar naquele que sem sombra de dúvidas era o mercado mais disputado do mundo, em se tratando dos shows artísticos. Com isto, ganhou fama, dinheiro, difundiu moda, mas perdeu a sua vida nesse turbilhão de shows, cinema e apresentações dos mais famosos cassinos e teatros do mundo, se apresentando gloriosamente em Londres, Cuba, Hong Kong, França e toda Europa. Em sua noite de estreia numa revista musical da Broadway, poucos dias depois de chegar, levou apenas 6 minutos para se tornar um dos nomes mais aclamados do show business nos EUA. No ano seguinte, ela fez sua estreia no cinema estadunidense no filme "Serenata tropical", ao lado de Don Ameche e Betty Grable.

Naquele ano, Carmen foi eleita a terceira personalidade mais popular dos Estados Unidos, e foi convidada para se apresentar junto com seu grupo, "Bando da lua" para o presidente Franklin Roosevelt na Casa Branca. Carmen Miranda chegou a ser a mulher mais bem paga dos Estados Unidos segundo o Departamento do tesouro Americano.

Falecia no dia 5 de agosto de 1955, aos 46 anos, em Beverly Hill, Los Ângeles, Califórnia (EUA), em completo estado de decadência e apresentando um completo definhamento do corpo, fruto de um sistema perverso para obtenção de lucro a todo custo sem se quer importar com o ser humano, Carmen a pequena notável. Tratada como objeto, a sua morte deve-se ao fato de utilizar barbitúricos, chegando ao ponto do seu médico prescrever um coquetel de morfina injetável, com o objetivo de coloca-la em pé para suas apresentações artísticas (shows, entrevistas, gravações de sets em filmes). Concorreu para sua morte prematura um casamento com David Sebastian, um pé rapado, gigolô, um homem de baixa estatura, careca e deficiente de um membro inferior.

O casamento sem sombra de dúvidas não teria a mínima chance de consolidar. Pois o futuro marido profissava a religião judaica e Carmen era católica fervorosa e tinha como santo protetor São Judas Tadeu. A pequena notável era uma das mulheres mais cortejadas pelos homens, namorou rapazes belos, ricos e até artística famosos como Tayrone Edmund Power, Victor Mature e tantos outros astros de Hollywood. Após o casamento, Carmen falava em conversas particulares com as amigas: tantos homens belos passaram na minha vida, mas eu percebia que eles amavam a artista e não a mulher Carmen, e o David dava a impressão que seria o homem ideal para me proporcionar segurança masculina, estava completamente enganada.

O David Sebastian tinha o intuito unicamente de ficar com a fortuna angariada pela diva Carmen que, durante os 15 anos que logrou no EUA, foi a artista mais bem paga no mundo artístico, de igual modo a sua fama era tamanha que era a única artista sulamericana a ter suas mãos gravadas na calçada da fama.

A sua morte foi potencializada em decorrência dos constantes uso de bebidas alcóolicas e de medicamentos para acordar e dormir e não sentir dores nas suas apresentações artísticas, tornando-se assim um farrapo humano. Em que pese a fama, riqueza e influencia nos meios artísticos, foi uma mulher deprimida, ansiosa e infeliz nas suas relações amorosas.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Freepik

Relação com seu delivery!

Qual seu nível de ligação com seu delivery?

Essa é uma pergunta que você do ramo de alimentos ou não deveria estar se fazendo neste momento.

Muitas pessoas não entendem, mas sua entrega é relação perfeita com o sucesso do seu negócio, se você não pensar assim você estará com seus dias contados.

A partir do momento que eu contrato uma pessoa, um prestador de serviço ou uma associação para fazer a entrega do meu produto eu tenho que conhecer quem estará representando minha empresa indiretamente.

Já houve algumas empresas que falaram assim: me desculpe a culpa foi do moto boy! E essa não é a resposta para ser dada a um cliente que espera o produto seja lá onde for e o que seja para ser entregue.

Vou contar uma experiência que eu passei neste domingo de dia dos pais. Minha esposa fez um pedido de um café da manhã para mim. Até aí estava tudo bem. Fez o pedido a uma empresa que confirmou a entrega às 7h da manhã, só que às 9h15 o tal café não tinha chegado, e como sempre a culpa é colocada a quem foi entregar, este foi o primeiro erro.

No mesmo dia meus outros dois filhos gêmeos tinham feito um pedido de um café da manhã para mim. Por um erro de comunicação e uma falha também da outra empresa, eles perderam o cartão que eles tinham pedido para ser escrito, porém a cesta chegou às 6h30 da manhã, mas houve a falha do cartão pois não sabíamos quem tinha feito o pedido. Aí você ficou curioso como eu soube? Fiz uma postagem na minha rede social e a empresa se pronunciou falando que tinha sido os meus filhos gêmeos, porém perderam o cartão! E a culpa mais uma vez é do entregador, segundo erro.

Erros como esses são inadmissíveis, são falhas para você passar um "X" muito grande nessas empresas e ainda fazer a propaganda negativa das mesmas. O empreendedor que está começando com seu negócio agora tem que estar atento a esse ponto muito grave, de não errar na hora de escolher quem irá fazer a entrega do seu produto, ou você será mais um que colocará a culpa no entregador?

Uma empresa séria assume o erro e tenta contornar a situação com muitos pedidos de desculpas. Pois num tempo como estamos vivendo de pandemia hoje, mais de 39,4% das empresas fecharam suas portas - segundo uma pesquisa do IBGE. Eu bato na tecla sempre, não é um tempo de trabalho amador e muito menos de erros. Se você está com erros em sua empresa, invista em consultoria, corrija os erros porque ainda pode dar tempo de sobreviver, a coisa vai ficar mais séria do que você imagina.

Em um mundo de profissionais, sua empresa não pode culpar um moto boy por um erro na entrega. Seja profissional e assuma a culpa!

Ou você quer ser estatística do IBGE?

QUENTINHAS

- **O Sucesso nesse domingo de dia dos pais foi a comida do pessoal da Feijoada e Fava Sabor de Casa, com seu feijão na nata com carne de sol desfiada. Se a feijoada e a fava já são de dar água na boca, esse feijão verde com nata e carne é de molhar a boca toda. Seu Instagram @feijoadaefavasabordecasa contato: Tel. 98612-9230**

- **Meat Up Açougue e Restaurante, localizado no Bairro de Manaíra, é um sucesso, pois além de cortes especiais para entrega na sua casa ou você ir buscar, também pode ser consumido lá. Pois é, você escolhe o corte especial ou linguiça especial e eles preparam na hora com o acompanhamento de sua escolha. Seu Instagram @meatupbr ou contato: Tel. 3035-7818**

- **Pizza do Pedaço delivery vem ganhando seu espaço no mercado da capital, além de você não pagar taxa de entrega em qualquer bairro de João Pessoa, você ainda escolhe a borda recheada de graça, são dois sabores de bordas a sua escolha. Seu Instagram @pizzado.pedaco ou contato: Tel. 99950-6959**

PRATO DO DIA

Camarão na moranga

Ingredientes

- 01 kg de filé de camarão médio
- 04 colheres (sopa) de azeite
- 02 dentes de alho
- 01 cebola
- 03 tomates sem sementes e maduras
- sal e pimenta-do-reino a gosto
- 02 latas de creme de leite sem soro
- 02 potes de requeijão
- 01 moranga (jerimum) de, aproximadamente, 3kg
- cheiro-verde a gosto (na minha não levou)
- 03 colheres de sopa de extrato de tomate

Modo de preparo

Retire a tampa e as sementes da moranga.
Lave e enrole-as em papel alumínio e leve ao forno médio (280° C) por 50 minutos.
Em uma panela, aqueça o azeite e refogue o alho e a cebola; junte o filé do camarão e deixe cozinhar por 5 minutos.
Adicione os tomates picados, a pimenta, o sal e o extrato de tomate.
Desligue o fogo e acrescente o creme de leite.
Misture bem e adicione por último o requeijão.
Passe um pouco de requeijão no interior da moranga e despeje o creme de camarão.
Sirva acompanhado de arroz branco e batata palha.

Foto: Arquivo pessoal

PITADAS A GOSTO

Tipos de abóbora:

Abóbora de Pescoço ou Abóbora Seca: Ela é a maior, chegando a pesar 15kg, com casca verde escura com rajadas alaranjadas. Essa abóbora é fibrosa e bem úmida, sendo ótima para pães, doces, salgados e também em saladas quando ralada fininha. (Essa é sua escolha caso queira um doce de abóbora igual da vovó)
Moranga: Famosa pelo tradicional prato praiano "Camarão na Moranga". Possui grumos e tem cor alaranjada, é usada principalmente para refogados e sopas.
Abóbora Italiana: A mais famosa e fácil de encontrar, ótima para refogados, pode ser grelhada e recheada.
Abóbora Libanesa: É semelhante a abóbora italiana e serve para ser recheada, refogada ou feita no vapor.
Abóbora Japonesa ou Cabotía: Essa espécie é bem seca, uma mistura da abóbora de pescoço com a moranga, ela é usada principalmente para pratos salgados, purês e nhoques.
Abóbora Paulista: É uma abóbora seca, idêntica a menina brasileira, só que colhida precocemente, seu peso não passa de 1,5kg e pode ser usada em refogados e doces.
Abobrinha Menina Brasileira: Ótima para refogados, sua melhor época é em outubro.